

As informações no terrorismo: 9/11

Paulo Alexandre da Silva Pereira

Orientadora: Prof. Associada Teresa de Almeida e Silva

Dissertação para obtenção de grau de Mestre
em Relações Internacionais

Lisboa

Setembro de 2017

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT



Agradecimentos,

Agradeço à minha tutora pela dedicação e orientação imprescindíveis no caminho para a conclusão desta dissertação.

Agradeço aos meus pais pela espera. O caminho não é reto, mas por mais tortuoso que seja, compete continuar a percorrê-lo para alcançar os objetivos.

Agradeço à minha companheira Ana, que prescindiu do nosso tempo, para que eu pudesse ter o meu tempo para este texto, sabendo que mesmo não estando na presença um do outro fisicamente a todos os momentos, nunca deixámos de estar juntos na prossecução deste objetivo. A dedicação traduz-se em muitas ações, que em todos os momentos me permitiram total concentração, sem nunca me deixar esquecer que para benefício dos dois, temos de trabalhar juntos, e por isso lhe agradeço com estas palavras humildes.

Deixo dedicatória ao meu camarada que viu perder o sentido da razão de viver e por si tomou a iniciativa de nos abandonar. Continuamos por cá a cumprir a missão, continuamos a cumprir o juramento que fizemos, válido nesta vida, e na próxima, e embora já estejas na próxima, sabemos que empunhas o escudo e a espada, até ao fim.

Resumo

O 9/11 foi um evento dramático no início do Séc. XXI. O primeiro grande ataque terrorista em território continental americano, executado pela al-Qa'ida, uma organização cuja liderança se encontrava a milhares de quilómetros de distância, guiada por uma narrativa religiosa de carácter fundamentalista radical. Iremos refletir sobre o funcionamento da al-Qa'ida, do seu início até aos ataques às Torres Gémeas em 11 de Setembro 2001. Por outro lado, o documento base será o 9/11 Commission Report, que contrastado com teoria das informações, nos fornecerá as peças para entender os processos inerentes à prática das informações, e que desafios esta prática encontrou até à data do 11 Setembro 2001.

O leitor ficará familiarizado com a CIA, com a al-Qa'ida, e com as diferentes abordagens à recolha e tratamento de informações destas duas entidades. Serão desenvolvidos os conceitos circundantes às Técnicas Analíticas Estruturadas, ao Analista Operacional e à estruturação e organização em rede da al-Qa'ida na sua preparação para o 9/11.

Concluiremos este texto com uma reflexão situada na área científica das Relações Internacionais, de forma a argumentar a relevância do seu enquadramento na temática do terrorismo transnacional.

Palavras-chave: Terrorismo; al-Qa'ida; Informações; Relações Internacionais

Abstract

9/11 was a dramatic event in the beginning of the 21st century. It was the first large-scale terrorist attack on American soil, executed by al-Qa'ida, an organization whose leadership was stationed thousands of kilometers away, guided by a profoundly radical fundamentalist religious narrative. We will reflect upon how al-Qa'ida worked from its inception until the September 11th 2001 Twin Towers strike. We will use the 9/11 Commission Report as our primary document, and then study intelligence theory as to understand by contrast and comparison what challenges are natural in the practice of intelligence, and how those challenges led up to September 11th 2001.

The reader will become familiarized with the CIA, al-Qa'ida, and how these two different entities approached the practice of intelligence. We will dig into the concepts surrounding Structured Analytic Techniques, the Operational Analyst, and at al-Qa'ida's networked structuring and organization in preparation for the 9/11 event.

In conclusion, this dissertation will finish by reflecting on the scientific study area of International Relations, and arguing as to why it is important to insert transnational terrorism into this field of study.

Keywords: Terrorism; al-Qa'ida; intelligence; International Relations



Índice

Resumo	ii
Abstract.....	iii
Acrónimos	vi
1 Introdução.....	1
1.1 Introdução e apresentação do tema.....	1
1.2 Objetivos gerais e específicos.....	2
1.3 Problemática da investigação.....	3
2 Enquadramento teórico e conceptual.....	4
2.1 <i>Intelligence</i>	4
2.1.1 O paradigma do inacreditável nas informações.....	4
2.1.2 Capacidade de previsão	5
2.2 Abordagem ao terrorismo contemporâneo.....	5
2.3 Abordagem às Relações Internacionais – Teoria do Realismo.....	7
3 Metodologia.....	9
4 <i>Intelligence Community</i>	11
4.1 Central Intelligence Agency	11
4.2 Paradigmas das Informações.....	13
4.2.1 Análise: O inacreditável I.....	14
4.2.2 Análise: O inacreditável II.....	19
4.3 A análise em ambiente controlado e a análise em ambiente excecional.....	23
5 al-Qa'ida.....	27
5.1 Estrutura e metodologia de ação	28
5.1.1 Estrutura interna	29
5.1.2 Metodologia de ação.....	32



5.2	Estrutura de Informações: al-Qa'ida.....	33
5.3	A adaptabilidade	37
6	11 de Setembro de 2001: Considerações.....	40
6.1	Análise macro e micro	40
6.2	A soma das partes	45
7	Conclusões.....	47
8	Bibliografia.....	51
9	Glossário.....	60
10	Anexos.....	61

Acrónimos

ACH – Analysis of Competing Hypotheses

AO – Analista Operacional

CIA – Central Intelligence Agency

D&D – Denial & Deception

DCI – Director of Central Intelligence

EUA – Estados Unidos da América

FATA – Federally Administrated Tribal Areas

FOI – Freedom of Information Act

GWOT - Global War on Terrorism

HQ – Headquarters

HUMINT – Human Intelligence

IC – Intelligence Community

MO – Morale Operations

OI – Oficial de Informações

OPSEC – Operational Security

OSS – Office of Strategic Services

PSYOPS – Psychological Operations

SI – Secret Intelligence

SIGINT – Signals Intelligence

SO – Special Operations

1 Introdução

1.1 Introdução e apresentação do tema

Os ataques às Torres Gémeas nos Estados Unidos em 11 Setembro 2001, comumente conhecidos como 9/11, alteraram significativamente o paradigma de segurança nas sociedades ocidentais, ao mesmo tempo que, revelaram um potencial até então desconhecido da eficácia dos grupos terroristas, nomeadamente, a al-Qa'ida.

Neste âmbito, iremos estudar a organização terrorista al-Qa'ida, desde a sua formação até à data do 9/11, ou seja, delimitamos o período de análise entre 1980 e 2001. Consideramos importante visitar este tema na academia, devido à escala com que o terrorismo transnacional continua a afetar o nosso mundo hoje em dia. Assim, ao enquadrar este tema nas Relações Internacionais, pretende-se realçar a importância que o foco da diplomacia entre Estados é também uma ferramenta útil no combate ao terrorismo, através, das políticas externas públicas, como também, num pano de fundo, através da colaboração entre serviços de informações.

O paradigma de segurança alterou-se de forma radical e esta foi a nossa base para desenvolvermos o pensamento crítico científico nas matérias do terrorismo e dos grupos terroristas. Neste âmbito, o ISCSP oferece-nos um conjunto de autores, cujos estudos contribuíram significativamente para esta dissertação, nomeadamente para o entendimento das questões relacionadas com as ligações e implicações das várias formas de subversão nacional e internacional e as informações, António de Sousa Lara¹ e Heitor Barras Romana² respetivamente. De igual modo, encontramos nas Teses de Doutoramento de Teresa de Almeida e Silva³ e Paulo Rebelo Manuel⁴, uma visão esclarecedora e aprofundada acerca do Islão e do terrorismo. Estes estudos auxiliam numa abordagem estruturada ao acontecimento do 9/11, e mostram como tão só de complexo e infundável pode ser o estudo a que aqui iremos dedicar uma parte.

Este primeiro capítulo, e após feita breve introdução ao tema desta dissertação, continuará com a descrição dos seguintes capítulos.

No segundo capítulo fazemos uma abordagem teórica e conceptual às informações, ao terrorismo e às Relações Internacionais, no âmbito desta dissertação.

¹ *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*, ISCSP, Lisboa, 2015

² *Informações e Segurança*, de Adriano Moreira, Prefácio, Lisboa, 2004. pág. 257-270

³ *Wahhabismo: contribuições para a análise do fundamentalismo Saudita*

⁴ *A luta contra o terrorismo em Portugal (modelo no período 1974-2011)*

O terceiro capítulo tem que ver com a metodologia utilizada para efetivamente tratar e ligar as noções teóricas aos acontecimentos sucedidos, no fundo, aborda a metodologia usada para ligar a teoria e doutrina ao que na prática, poderá ter sucedido.

O quarto capítulo irá iniciar-se com uma breve exposição desde o OSS até à CIA dos dias de hoje. Seguidamente iremos debater-nos acerca de algumas considerações relativamente à análise feita dos sinais iminentes de ataque por parte da al-Qa'ida e terminando com um breve momento refletivo acerca do papel dos analistas, na sede ou no terreno. Esta reflexão é feita através da apresentação de conceitos encontrados em estudos teóricos das informações.

No quinto capítulo será exposta a organização terrorista al-Qa'ida, para que tenhamos uma noção acerca da sua estrutura e metodologias de ação. Neste capítulo encontraremos também espaço dedicado às informações dentro da al-Qa'ida, vulgo, como esta organização terrorista praticou as informações que levaram até ao 11 de Setembro. Neste momento da investigação, as informações serão tratadas na sua vertente mais operacional ao invés da vertente teórica.

O sexto capítulo irá tratar de aglomerar alguns pontos-chave apresentados ao longo desta dissertação, de forma a construir uma visão holística sobre toda a temática das informações no terrorismo, deixando ao público leitor, uma melhor compreensão do quão complexo pode ser o estudo dos acontecimentos do 9/11.

A conclusão deste texto, responde obviamente às questões de partida da investigação, na esperança de incitar a nova discussão, para que, possamos mais uma vez contribuir para alguns dos pensamentos contemporâneos dentro da temática do terrorismo e das informações.

1.2 Objetivos gerais e específicos

Visamos fazer uma análise quanto aos desafios dos serviços de informações face à ameaça terrorista, tal como conceptualizar de que forma o uso das informações poderá ter sido abordado por parte da al-Qa'ida. Em específico, explorar-se-á o funcionamento da arquitetura ocidental, da CIA, o funcionamento do grupo terrorista, nomeadamente a al-Qa'ida, tal como de que forma percecionam como deve ser a ligação das informações à estrutura de decisão.

1.3 Problemática da investigação

A pergunta de partida definida para este trabalho de investigação é: Podemos nós afirmar que a al-Qa'ida criou um modelo profissional de terrorismo com os ataques do 11 Setembro 2001?

Desta pergunta inicial nasce uma pergunta derivada: Pode esse modelo ser replicado por outros grupos terroristas, como o ISIS?

2 Enquadramento teórico e conceptual

2.1 *Intelligence*

O presente estudo dá ênfase à doutrina das informações como pilar fundamental dessa mesma atividade. Assim, há que identificar e explorar primeiramente a definição de informações. Além da definição consideramos importante deixar claro quais os dois objetivos das informações que consideramos merecer destaque, no contexto desta investigação: o *saber* e *presciência*.

Neste estudo consideramos que o *saber* se distingue do *conhecer* na medida em que resulta de um processo, de forma a relacionar e contextualizar a informação, como afirma António Bispo⁵. No mesmo patamar Ernâni Lopes⁶ fala-nos que as informações consistem em algo já processado e mais profundamente estruturado. Assim sendo toda a informação é transformável em informações, através da recolha e análise das mesmas⁷. É possível perceber que as informações resultam de um processo de análise e reflexão num determinado contexto. As etapas chave, argumentamos, são a análise a reflexão. Assim sendo podemos ter quantidades infindáveis de informação, mas se não tratada de forma a que traga compreensão sobre determinado assunto, continuamos sem ter uma visão mais próxima da realidade. De notar, que *saber* é uma aproximação do que se considera estar mais correto e corresponder mais à veracidade da situação⁸. As informações distinguem-se porque criam *saber*, que elucida ou que porquanto possível traz um melhor conjunto de perceções e entendimento decisivos⁹.

2.1.1 O paradigma do inacreditável nas informações

O *saber* leva-nos a um dos maiores paradigmas no mundo das informações, mais especificamente relacionado com o analista e com a atividade das informações. Esta atividade, que conduz ao *saber*, é uma tarefa altamente pressionante para o analista, pois em suma, é o seu elemento final que vai influenciar, ou não, a vertente tomada pelo decisor, como

⁵ Bispo, Manuel – “A função de informar”, in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 77-104

⁶ Lopes, Ernâni Rodrigues – “Informação, Informações & Estratégia Económica e Empresarial” in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 219-232

⁷ Lowenthal, Mark M. 2017. *Intelligence, From Secrets to Policy*. Seventh Ed. Los Angeles: Sage. p. 2

⁸ *Idem*, p. 8

⁹ Allison, Graham T., and Philip Zelikow. 1999. *Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis*. Second Ed. Addison Wesley Longman, Inc. p. 387

nos diz Heitor Romana¹⁰. Portanto, o que acontece quando nos deparamos com o inacreditável? Primeiramente, e para o estudo presente, consideramos que o inacreditável é composto de informação tão díspar da realidade conhecida e percebida que é encarado como, passando a redundância, inacreditável¹¹. Esta é uma parte da criação do *saber*, pela premissa simples de que, como criamos *saber* que não é credível? Mas as informações inacreditáveis são na sua gênese um produto de uma reflexão e de um processo, pois são, informações, pecando pelo fato de serem demasiado fora da norma. Neste estudo, veremos como este importante conceito afetou os acontecimentos do 9/11, ao relacionarmos o inacreditável com o que Lowenthal considera ter sido uma surpresa tática¹².

2.1.2 Capacidade de previsão

Com esta afirmação nos transferimos para o segundo objetivo apontado no início, a presciência. A presciência traduz-se na capacidade da previsão, e é esta previsão que vai dar a vantagem necessária ao decisor para alcançar a vitória¹³. A vitória pode ser considerada em termos tais como a tomada de uma decisão mais acertada, ou que origina na prevenção atempada de algo. Assim sendo, o uso das informações resulta de uma necessidade de *saber* para poder obter algum tipo de previsão quanto ao futuro por forma a agir em conformidade. Pois no fundo é aí que reside a grande vantagem do decisor ou do ator. Saber o futuro permite a alteração de planos e permite agir com mais firmeza e menos dúvidas, preferencialmente. O *saber* que origina da *intelligence* permite uma prospeção do futuro. A fita de tempo determina as relações entre acontecimentos, e é verdadeiramente influenciadora de resultados. Isto é, quem conseguir agir no momento certo pode também acabar por pesar no desfecho.

2.2 Abordagem ao terrorismo contemporâneo

Tanto a própria academia como as entidades internacionais não chegaram a um consenso quanto à definição de terrorismo¹⁴. O conceito de terrorismo, e a tentativa de melhor definir e compreender esse conceito é um ato complexo, merecedor de profunda devoção no

¹⁰ Romana, Heitor – “O novo *framework* do terrorismo internacional de matriz Islâmica: Desafios ao modelo de análise em Informações Estratégicas”, in Moreira, Adriano. Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 257-270

¹¹ Lowenthal, Mark M. 1993. *Intelligence Epistemology: Dealing with the Unbelievable*. International Journal of Intelligence and Counterintelligence. 2012. p. 320

¹² Lowenthal, Mark M. 2017. *Intelligence, From Secrets to Policy*. Seventh Ed. Los Angeles: Sage

¹³ Tzu, Sun. *The Art of War*. Project Gutenberg. p. 85

¹⁴ Existem atualmente mais de 250 definições de terrorismo.

meio académico. No entanto, sem desejarmos subverter essa reflexão acerca do terrorismo e a sua importância, optámos presentemente, por tentar apresentar um enquadramento da definição de terrorismo, que acreditamos estar adaptada ao contexto desta dissertação. Ao limitarmos a investigação na data do 9/11 e da formação da al-Qa'ida até essa mesma data, Rapoport¹⁵ coloca-nos na Quarta Vaga do terrorismo, isto é, o Terrorismo Religioso, cuja uma das principais características, podemos considerar ser o recrutamento da *Ummah* para a atividade terrorista¹⁶ com objetivo da proteção da própria.

Segundo a CIA, o terrorismo é uma ação política violenta e premeditada, executada por agentes clandestinos contra não combatentes¹⁷. Boaz Ganor¹⁸ ajuda-nos com uma definição que consideramos mais apropriada ao contexto deste estudo, ao afirmar que podemos qualificar o terrorismo quanto à tipologia dos alvos, e assim sendo, considera-se terrorismo as ações violentas propositadas contra civis. Admitimos, que ao desenquadrar certo tipo de ações contra militares, do campo do terrorismo, esta definição poderá apresentar algumas limitações conceptuais. Podemos ainda aprofundar um pouco mais, e visitar o conceito de terrorismo de tipologia indiscriminado¹⁹, ou seja, a prática de ações violentas contra civis e não civis. Definição esta que se contextualiza tendo em conta o espaço físico dessa mesma ação, referindo-se a um atentado terrorista num local cuja natureza social e profissional dos atendentes é indiferente. Tudo é encarado como alvo prioritário e de alto impacto para exercer pressão psicológica sobre a população em geral, criar um clima de medo e instabilidade e colocar em causa a estrutura do governo²⁰. O terrorismo, torna-se eficaz devido ao seu característico e natural uso da violência²¹. No entanto o terrorismo é tanto visto como uma ferramenta para um objetivo²², como é visto como sendo parte integrante de um conflito não-

¹⁵ David C. Rapoport, 'The Four Waves of Rebel Terror and September 11 — Anthropoetics VIII, No. 1 Spring/Summer 2002'. Consultado em 4 Dezembro 2017

¹⁶ Alex P Schmid, *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, 2016. p. 55

¹⁷ Central Intelligence Agency, 'Terrorism FAQs'. Consultado em 4 Dezembro 2017

¹⁸ Ganor, Boaz. 2010. *Defining Terrorism – Is one Man's Terrorist another Man's Freedom Fighter?* <https://www.ict.org.il/Article/1123/Defining-Terrorism-Is-One-Mans-Terrorist-Another-Mans-Freedom-Fighter> consultado em 10 Janeiro 2017

¹⁹ Lara, António de Sousa. 2011. *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. 6ª Ed. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. p. 428

²⁰ *Idem*

²¹ Ganor, Boaz. 2010. *Defining Terrorism – Is one Man's Terrorist another Man's Freedom Fighter?* <https://www.ict.org.il/Article/1123/Defining-Terrorism-Is-One-Mans-Terrorist-Another-Mans-Freedom-Fighter> consultado em 10 Janeiro 2017

²² Lara, António de Sousa. 2011. *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. 6ª Ed. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa, p. 426

convencional²³. Efetivamente ao olharmos para a al-Qa'ida, o terrorismo apresenta-se como o método que esta organização escolhe para praticar o conflito contra o ocidente. Argumentamos a seguinte definição: O terrorismo é uma forma de conflito não-convencional, de motivação política, assente em ações violentas indiscriminadas. Entendemos que se torna necessário alguma clarificação neste ponto. A definição que propomos para terrorismo, tem em conta o período apresentado anteriormente - 1980 a 11 Setembro 2001, Torres Gémeas -, ou seja, é uma definição restritiva aquele espaço temporal e físico, que, nesta dissertação representa o objeto final de estudo. Se considerarmos a realidade pós 9/11 no Afeganistão, compreende-se que a al-Qa'ida efetivamente enveredou numa guerra de guerrilha contra as forças americanas, onde a prática do terrorismo contra esses alvos constituiu, aí sim, um instrumento²⁴.

Embora apresentemos uma definição naturalmente limitada, compreendemos que a prossecução do estudo das definições de terrorismo, tal como seus enquadramentos, merecerá lugar mais destacado num momento de investigação futuro, mais oportuno.

2.3 Abordagem às Relações Internacionais – Teoria do Realismo

A corrente teórica das Relações Internacionais que pretendemos aqui expor, quando se afirma que os ataques às torres gémeas são uma causa-consequência direta das ações de política externa dos EUA, é o realismo. Em boa verdade, a América fez uso do seu poderio militar, económico e político para exercer influência, baseada em interesses de estratégia fundamentalmente energética mascarada de promoção de valores ocidentais na região do Médio Oriente²⁵. Desta forma questões como soberania, jurisdição e direito internacional ficam subjugados ao interesse americano, atitude adaptável consoante o contexto de força e estabilidade política no país²⁶. Uma das sub escolas do realismo enquadra-nos esta atitude no realismo ofensivo. Assente na teoria de que só através da capacidade de exercer controlo podem os Estados garantir que a paz se mantém no futuro²⁷. A descoberta de óleo na Arábia Saudita trouxe riqueza e poder aquela monarquia, condição que de certa forma transpareceu como ameaçadora para os EUA, criando incertezas e suspeitas, como é característico nas

²³ Lara, António de Sousa. 2011. *Ciência Política: Estudo da Ordem e da Subversão*. 6ª Ed. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa, p. 431

²⁴ *Idem*, p. 426

²⁵ Moreira, Adriano. 2005. *Teoria das Relações Internacionais*. 5ª Ed. ed. Almedina. Coimbra. p. 136

²⁶ *Idem*, p. 137-138

²⁷ *The Oxford Handbook of International Relations*, ed. by Christian Reus-Smit and Duncan Snidal, 2008. p. 139

relações entre estados no panorama mundial. Por regra, o aumento de poder ou riqueza num Estado levanta este género de preocupações noutras²⁸. Estamos então perante uma existência anárquica onde cada Estado olha para si próprio e para os seus interesses políticos e geoestratégicos. Ou seja, a procura da condição de constatação efetiva de poder de determinado Estado sobre outro, ou outros²⁹.

O realismo fornece-nos então o enquadramento necessário para descodificar as ações, e mais importante as intenções dos EUA no Médio Oriente. A capa da estabilidade do sistema internacional comporta um título nobre na gestão das relações internacionais, mas os ganhos retirados desse título são mais decisivos na implementação da política externa entre países e eixos³⁰. Esta doutrina apresentada por Hans Morgenthau é considerada restritiva em muitos aspetos, uma vez que não inclui fatores sociais e o fato de que o poder, pode ser em si próprio um fim, meio, motivo relação³¹. No entanto consideramos que a relação entre os países considerados como as maiores potências é clara. Trata-se efetivamente do exercício de aplicar uma posição de poder influente numa região ou num determinado país, por um Estado ou conjunto de Estados. É claro, a pretensão que os EUA têm em utilizar os meios disponíveis à sua elite política para tentar coagir não só países como a Arábia Saudita e Israel a alinhar com certas políticas e atitudes com o objetivo final de mostrar à região³², que o podem e conseguem fazer, pois têm poder para tal.

Assim sendo, o Realismo fornece-nos uma possível interpretação do uso do poder e das intenções particulares que cada Estado tem para si próprio no contexto das Relações Internacionais.

²⁸ Reus-Smit and Snidal. p. 139

²⁹ Philippe Braillard and others, *Teoria Das Relações Internacionais*, 1990.p. 115

³⁰ *Idem*, p. 114

³¹ *Idem, ibidem*, p. 116

³² António de Sousa Lara, *Ciência Política: Estudo Da Ordem E Da Subversão*, ed. by Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 6ª Edição (Universidade Técnica de Lisboa, 2011). p. 256

3 Metodologia

As questões de partida para esta investigação, apresentadas na introdução, têm uma natureza dupla. Pretende-se trabalhar essas mesmas questões tanto do lado da *IC*, como do lado da organização terrorista.

Mantemos o foco: informações. Os conceitos teóricos são aprofundados recorrendo à revisão da literatura sobre as duas temáticas, informações e terrorismo, embora o foco seja na primeira, nesta dissertação não está dissociada da segunda, de modo a encontrar enquadramento teórico-conceitual que pudesse ter cabimento nos achados do relatório *9/11 Commission Report*.

Para este efeito recorreremos tanto a autores nacionais como internacionais, da academia e do meio profissional. A recolha e consulta desta bibliografia assenta na consulta a partir de fontes abertas em repositórios científicos, como a Biblioteca do Conhecimento on line, repositório do ISCSIP, Taylor and Francis Group, RAND Corporation, RUSI, e contém desde livros a artigos científicos, teses de mestrado/doutoramento, pois, além de contemplar estudos mais recentes, visa consultar-se os estudos feitos pré-9/11, de forma a poder demonstrar a evolução do pensamento e da doutrina. Para a al-Qa'ida utilizaremos o mesmo método. É então necessário fazer a leitura compreensiva dos textos disponíveis e compilação em acervo de elementos cruciais para o presente estudo, e análise dos mesmos. Assim sendo, estamos a recorrer ao método científico da pesquisa exploratória, numa fase inicial, que consiste na familiarização com os conceitos dominantes no tema de estudo, de forma a estabelecer uma base de conhecimento que permita desenvolver a consequente pesquisa científica e possível desenvolvimento e apresentação de novos conceitos, aqui entrando já no campo do método prospetivo, uma vez que essa apresentação de novos conceitos implica aprofundamento futuro sobre os mesmos. Algumas das fontes são consideradas primárias, ou seja, textos de autor, e outras são consideradas fontes secundárias, vulgo, textos trabalhados a partir de fontes primárias.

Além da recolha e pesquisa acerca do elemento doutrinário deste estudo, o *FOI*, vem a disponibilizar documentação on line, de carácter oficial estatual, acerca dos acontecimentos relacionados com o 9/11 e a al-Qa'ida. O acervo é extenso, desde relatórios do Congresso Americano, a relatórios da CIA, entre outros.

Estes procedimentos irão permitir cruzar conhecimento existente sobre a matéria mencionada. Assim sendo, ao compararmos teoria das informações com factos acontecidos é

possível fazer uma melhor análise e retirar conclusões mais estruturadas acerca do que sucedeu neste universo proposto. A ligação entre a doutrina e o que sucedeu realmente é mais proveitosa se, no decorrer deste estudo conseguirmos estabelecer uma ligação prática entre ambos.

O *9/11 Commission Report* foi analisado segundo parâmetros sobre os quais se pudessem desenvolver na dissertação.

Este estudo possui limitações que têm relação íntima com a natureza do objeto de estudo, refira-se, o secretismo da atividade dos Serviços de Informações e o secretismo com que as organizações terroristas operam. Também limitador, é o facto de que este autor possui experiência muito reduzida na área das informações, experiência essa adquirida na sua passagem pela profissão militar onde ocupou cargos e funções ligados direta e indiretamente às informações, conferindo a este estudo um cariz acentuadamente teórico-conceitual, carecendo então de provação através do método empírico.

Porém, foi a passagem pela vida castrense que espoletou o interesse pessoal e profissional nas temáticas do terrorismo e das informações, razão pela qual também entendemos que a presente dissertação aborda um assunto atual, relevante e historicamente contextualizado, na medida em que poderá fornecer futuro objeto de estudo de forma a auxiliar a compreensão de outras organizações terroristas.

4 *Intelligence Community*

“Perception and “sight” are the two methods of seeing.”

Miyamoto Musashi

4.1 **Central Intelligence Agency**

Vejam os então, alguns aspetos relevantes desde o OSS até à CIA, e o legado determinante do primeiro relativamente ao segundo.

Em 1942, é criado o *Office of Strategic Services*, estamos na Segunda Grande Guerra Mundial, e em 1947 através do então presidente Harry S. Truman com um National Security Act é criada a CIA³³. O diretor do OSS foi William J. Donovan³⁴. Após a Segunda Guerra Mundial existiram tentativas de tornar o OSS um braço do ramo militar³⁵, J. Edgar Hoover³⁶ entendeu que este deveria ser um serviço civil, e que as suas operações de informações³⁷ deveriam permanecer atividades aparte do ramo militar. Sendo uma entidade civil, o OSS na sua génese vai muito além da coordenação ou simples recolha de informações. Tem capacidades ofensivas³⁸, sob a forma de ações clandestinas ou cobertas.

De entre a comunidade civil e militar o OSS reuniu um grupo de efetivos altamente heterogéneo, jovem, com uma alta capacidade de adaptação e embutidos do espírito vanguardista. Estas características tão próprias do OSS deram origem a que a vasta maioria das suas atividades se concentrassem em volta dos ramos de SI e SO³⁹. A invasão da Normandia através da operação OVERLORD viria a marcar o tom e prestígio do OSS graças

³³ <https://www.cia.gov/about-cia/history-of-the-cia> consultado em 2 Fevereiro 2017

³⁴ Donovan foi General no Exército Americano, embora quando assumiu a direção do OSS, já se tivesse retirado da carreira militar.

³⁵ Durante a Segunda Guerra Mundial o OSS reportava ao *Joint Chiefs of Staff*, um órgão do Exército, embora não lhe pertencesse na totalidade.

³⁶ É interessante verificar que a história do OSS e da criação da CIA estão intimamente ligadas ao fundador e diretor do FBI, J. Edgar Hoover, lembrando que o FBI só atua internamente.

³⁷ Radsan, J. em *Ethics of Scarecrow Professional*, ed. by Jan Goldman, *Intelligence* (Plymouth, United Kingdom: Scarecrow Press, 2010), II., p. 148

³⁸ <https://www.cia.gov/library/publications/intelligence-history/oss/art03.htm> consultado em 2 Fevereiro 2017

³⁹ <https://www.cia.gov/news-information/featured-story-archive/oss-secret-intelligence-branch.html> consultado em 2 Fevereiro 2017

aos contributos inqualificáveis que os seus efetivos deram para a preparação da mesma⁴⁰. A tipologia das operações cobertas para recolha de um nicho muito específico de informações só foi possível devido às características pouco ortodoxas dos quadros e das missões do OSS⁴¹.

No final da Segunda Guerra Mundial os feitos do OSS eram indiscutíveis, e uma vez que os Aliados derrotaram os seus inimigos, o que se seguiria? Sendo os EUA uma nação construída sob os princípios e liberdades individuais, inquebráveis e invioláveis, o presidente Harry Truman termina o OSS, com receio que a organização fosse alvo de uso ilícito acabando eventualmente e quase inevitavelmente por fazer ações dentro do território dos Estados Unidos⁴².

Em 1947 renasce a CIA através do *National Security Act*⁴³. Renasce porque em termos práticos, a CIA é composta pelos elementos do OSS, membros experientes tanto na análise como nas operações em terreno⁴⁴. É interessante este fato se olharmos para os valores, missões e *ethos* dispostos na página oficial da CIA⁴⁵. Dois pontos interessantes no *ethos*:

“**Service.** We put Nation first, Agency before unit, and mission before self.”

“**Courage.** We accomplish difficult, high-stakes, often dangerous tasks. In executing mission, we carefully manage risk but we do not shy away from it. We value sacrifice and honor our fallen.”

É possível observar sem dúvida alguma que a CIA continuaria a sua missão analítica, e continuaria a obter os dados em cru para a sua análise através da aplicação dos seus meios HUMINT. O seu mandato só permite atuação fora do território dos EUA, e sai da alçada militar tornando-se um serviço de informações independente⁴⁶. Em 1953, no que no OSS seriam ações cobertas de SO e MO, organiza protestos públicos contra a governação de Mohammad Mossadegh no Irão, levando à sua queda e conseqüente subida ao poder do *shah*,

⁴⁰ Nelson MacPherson, *American Intelligence in War-Time London: The Story of the OSS* (Frank Cass, 2003)., p. 78

⁴¹ *Idem*, p. 77

⁴² Len V. Scott and Peter D. Jackson, *Understanding Intelligence in the Twenty-First Century, International Security*, 2004. p. 151

⁴³ <https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/laws/nsact1947.pdf> consultado em 7 Fevereiro 2017

⁴⁴ William R. Johnson, *Thwarting Enemies at Home and Abroad: How to Be a Counterintelligence Officer.*, p. xi

⁴⁵ <https://www.cia.gov/about-cia/cia-vision-mission-values> consultado em 2 Fevereiro 2017

⁴⁶ Mark M. Lowenthal, *Intelligence, From Secrets to Policy.*, Seventh Ed (Los Angeles: Sage, 2017)., p. 25

que na altura em questão estava mais alinhado com os interesses estratégicos dos EUA⁴⁷. Em 1954 através de um golpe planeado e maioritariamente executado ao nível de comando pela CIA, o presidente da Guatemala Jacobo Arbenz Guzmán é deposto, como forma de luta contra o Bloco Comunista, lembremo-nos que este já era período de Guerra Fria. Em 1956 a CIA faz o voo inaugural da aeronave U-2 sobre território da União Soviética como aposta na recolha de dados através de IMINT⁴⁸. Nos anos seguintes a CIA continuaria a desenvolver as suas atividades variando entre a recolha e análise de informações e ações em vários teatros de operações.

Paralelamente à sua atividade, é importante mencionar a aproximação que este serviço de informações fez à teoria das informações. Em 2000, é criada a Sherman Kent⁴⁹ School for Intelligence Analysis, cujo objetivo foi dotar a comunidade profissional de informações com um lugar onde se pudesse explorar e desenvolver não só a própria teoria das informações, como ferramentas analíticas para melhorar o processo de análise, e contribuir para um melhor enquadramento doutrinário e rigor da profissão⁵⁰.

Cerca de um ano depois, assistimos ao 9/11, que eventualmente desencadearia toda uma sequência de avaliações e relatórios, onde precisamente, seriam feitas várias referências ao rigor intelectual e uso de técnicas estruturadas de análise⁵¹.

Novo ponto de viragem, é o fato de que à luz do *USA PATRIOT Act 2001*, a CIA ganha legalmente a competência de detenção e interrogatório⁵², como resposta ao 9/11.

4.2 Paradigmas das Informações

Compete-nos utilizar este ponto para refletir sobre algumas questões relativamente ao Estado da Arte antes dos ataques terroristas do 9/11. O *9/11 Commission Report* oferece indicações importantes para a observação que propomos.

⁴⁷ Lowenthal, *Intelligence, From Secrets to Policy*. p. 25

⁴⁸ <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/books-and-monographs/the-cia-and-the-u-2-program-1954-1974/u2.pdf> consultado em 9 Dezembro 2017

⁴⁹ Sherman Kent foi um elemento do OSS, e o principal contribuidor e desenvolvedor da necessidade para uma aproximação estruturada e sistematizada à análise de informações

⁵⁰ <https://www.cia.gov/library/kent-center-occasional-papers/vol1no5.htm>

⁵¹ 9/11 Commission Report

⁵² Lowenthal, *Intelligence, From Secrets to Policy*. p. 31

4.2.1 Análise: O inacreditável I

- a) “[...] *During the Spring and summer of 2001, the Intelligence Community experienced a significant increase in information indicating that Bin Ladin and al-Qa’ida intended to strike against US interests in the very near future.*”⁵³“
- b) “[...] *shows a similar increase between April and June 2001 followed by a drop later in the summer.*”⁵⁴“
- c) “[...] *cites numerous cases of intelligence related to the al-Qa’ida threat in the United States, including reporting in May 2001 that al-Qa’ida members were planning to infiltrate the country to conduct terrorist operations*”⁵⁵ (..)”

Entre os primeiros pontos a que o relatório se refere, encontra-se um ponto relativo a sinais iminentes de ameaça aos EUA, **a)** e **b)**, e outro referente à ameaça especificamente em território continental dos EUA, **c)**. A pesada estrutura ocidental de informações, através da sua rede sensivelmente bem estabelecida pelo globo permitiu que vários países, entre a Malásia e a Jordânia por exemplo, enviassem mensagens à CIA, através de delegações ou diretamente para o Quartel General.

Iniciando a nossa análise pela alínea **a)**, através do texto de Lowenthal podemos afirmar que além da informação ser um tanto ou quanto ambígua, os analistas da CIA, pré-9/11, não consideravam um ataque aos EUA, dentro do seu território, devastador, simplesmente porque nunca o presenciaram na história, ou seja, como nunca viram acontecer não conseguem contemplar⁵⁶. O aumento de tráfego de informações a apontar na mesma direção poderá significar que existe alguma veracidade na opinião que se faz sentir. Ainda que tenham tido em conta os vários relatórios talvez a mais lógica explicação seja a de que os analistas assumiram o que já conheciam, Quénia e Tanzânia. Sendo uma metodologia comprovada, o racional indica-nos que o ataque será dentro dos mesmos moldes aos

⁵³ Office of Inspector General, *Report on CIA Accountability with Respect to the 9/11 Attacks*, 2005., p.16

⁵⁴ *Idem*, p. 18

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 21

⁵⁶ Mark M. Lowenthal, ‘Intelligence Epistemology: Dealing with the Unbelievable’, *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 607.November 2012 (1993) p. 324

anteriores, especialmente porque foram um sucesso tendo em conta o custo pessoal e material das operações versus impacto⁵⁷.

No fundo, para um analista além do fator do que seria uma escolha racional, existe o fator de continuidade⁵⁸. Ou seja, esse fator de continuidade é relevante devido ao fato que, os analistas tendem a fazer construções da realidade complementadas não só com o que sabem, mas com o que sentem, ou com os sentimentos que atribuem a determinados acontecimentos, sentimentos esses, que ao contrário do que poderemos pensar, são objeto de processos mentais complexos⁵⁹, criando uma sensação de que atribuir continuidade está correto.

Contraditoriamente, argumentamos que poderá ser racional considerar que os grupos terroristas se arriscam a tomar ações irracionais, inversamente à lógica que é típica da cultura ocidental⁶⁰. Este é um paradigma totalmente centrado no analista e na arquitetura mental que em última análise o conduz em erro⁶¹. Algo, admita-se, complexo para qualquer um de nós⁶², no entanto colocarmo-nos na pele da outra perspectiva é um passo decisivo para observarmos a realidade, não pelas nossas normas, de forma a poder obter vantagem analítica. No OSS esta dificuldade foi reconhecida quando os interesses dos EUA se voltaram para o Japão⁶³.

Assumir continuidade na tipologia de ataques terroristas e na zona geográfica, fora do território continental, dá aso a erros de análise provenientes da subjetividade cultural⁶⁴, o que por sua vez altera a perceção de uma potencial viragem no plano estratégico⁶⁵. Assim, a subjetividade cultural cria uma estanquicidade no processo de reflexão que pode prejudicar a análise, tal como a capacidade de interpretar pequenos pormenores indicativos de uma mudança, que aos olhos do outro lado faz sentido. Heuer refere-se a este conceito como *Mirror-imaging*⁶⁶.

⁵⁷ Joshua Rovner and Austin Long, 'The Perils of Shallow Theory: Intelligence Reform and the 9/11 Commission', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 18.4 (2005), p. 623

⁵⁸ *Idem*, p. 623

⁵⁹ Richards J Heuer, *Psychology of Intelligence Analysis*, *Intelligence*, 3rd edn (Central Intelligence Agency, 1999). p. xix

⁶⁰ Rovner and Long. p. 623

⁶¹ Christina Shelton, 'The Roots of Analytic Failures in the U.S. Intelligence Community', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 24.4 (2011). p. 638

⁶² Roger Zane George, 'Beyond Analytic Tradecraft', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 23.2 (2010), p. 299

⁶³ Ruth Benedict, *The Chrysanthemum and the Sword* (Meridian Books, 1946). p. 5

⁶⁴ *Idem*, p. 295

⁶⁵ Rovner and Long., p. 623

⁶⁶ Heuer. p. xx

Analisando a alínea **b)**, constatamos primeiramente que os meses que anteciparam o 9/11 viram um decréscimo nos relatórios de atividades da al-Qa'ida. Existem várias teorias que aqui podemos aplicar para explicar as razões do decréscimo da atividade da al-Qa'ida: escassez de recursos, pressão internacional, captura de elementos importantes e consequente reorganização, mudança de espaço seguro, perda de interesse e ganho de interesse por alvos mais apelativos. Os materiais para a construção de bombas não estão disponíveis em todos os momentos com a mesma facilidade, os terroristas morrem em combate ou em ataques suicidas e é necessário revitalizar as fileiras. Todas estas variáveis são consideradas recursos essenciais, e após um período de atividade intensa consomem a logística da organização que necessita recuperar criando um período de baixa intensidade⁶⁷.

Não obstante, informação incompleta, pode travar uma outra característica deveras crucial: a criatividade! É possível que a criatividade tenha sido considerada pouco convencional⁶⁸, uma vez que frequentemente o resultado do processo criativo pressupõe uma quebra abrupta com o conhecimento estabelecido⁶⁹. Defendemos que, entre o corpo de analistas da CIA, realmente surgiu a hipótese de que a al-Qa'ida se resguardou de atividades terroristas de menor intensidade, devido a uma necessidade operacional e logística que um ataque de grande escala e impacto necessita para ser executado⁷⁰. Mas aqui também a curiosidade se revela importante, especialmente se considerarmos que em certos momentos indutores de mudança, são os especialistas quem mais tem a desaprender⁷¹, para mais uma vez suscitar a curiosidade. Se esta não existir então talvez um dos elementos com mais força motriz para mover o analista está perdido⁷², dando origem a um mistério⁷³. O mistério pode, no entanto, ser explorado como parte de uma doutrina estandardizada que os analistas possam utilizar⁷⁴, que no período que antecipou o 9/11 não merecia especial atenção para ser mencionada na academia ou usada de forma estandardizada.

⁶⁷ Beom S. Lee, Walter Enders, and Todd Sandler, '9/11: What Did We Know and When Did We Know It?', *Defence and Peace Economics*, 20.2 (2009), p. 92

⁶⁸ George., p. 299

⁶⁹ Robert S Sinclair, 'Thinking and Writing: Cognitive Science and Intelligence Analysis', *Center for the Study of Intelligence (CSI)*, 1984. p. 21

⁷⁰ Lee, Enders, and Sandler., p. 92

⁷¹ Heuer. p.5

⁷² James M Simon, 'Intelligence Analysis as Practiced by the CIA', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 264.March 2015 (2013), 641-51 , p. 643-644

⁷³ *Idem*, p. 644

⁷⁴ James J Wirtz, Richards J Heuer, and Randolph H Pherson, 'The Science of Artful Analysis', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 25.2 (2012)., p. 418

Podemos neste momento fazer referência à *ACH*. A análise feita com técnicas específicas tem a vantagem de poder admitir limitações derivadas de subjetividade ou falta de evidências concretas, uma vez que a implementação dessas mesmas técnicas as identifica no produto analisado, e as exclui⁷⁵ do processo. A *ACH* também dá a possibilidade ao analista, ou equipa de analistas, criticarem construtivamente o peso e a importância que uma ou várias evidências deve ter na refutação das hipóteses⁷⁶. É uma técnica de exploração de hipóteses. A técnica em si consiste em explorar cada uma dessas hipóteses ao máximo, no sentido de serem validadas com o máximo de sustentação teórica plausível ou de preferência com sustentação fatural⁷⁷. Assiste a ultrapassar as primeiras impressões, fruto de intuição, ou falta de melhor informação⁷⁸. A intuição em si, consideramos já um processo preliminar cognitivo e complexo, moroso, pois advém de experiência ganha ao longo da carreira e vida pessoal⁷⁹. Não usar técnicas de análise estruturada pode dificultar a capacidade de pensamento estratégico⁸⁰. É uma técnica por isso mesmo que permite que as hipóteses menos passíveis de se concretizarem não sejam tidas em conta, uma vez que processar este tipo de eventos é difícil por contrariarem naturalmente o que o ser humano espera perceber ao analisar um conjunto de informações⁸¹, não querendo por isso afirmar que é uma técnica infalível e que tenha de ser usada em detrimento único da intuição⁸², e por vezes a intuição aponta-nos para algo que ainda não é passível de ser comprovado, mas que é verdade.

Posterior à *ACH*, podemos analisar a técnica do *Devil's Advocacy*⁸³, vulgo, uma técnica de contra-argumentação. Esta sim é a fase em que o produto do analista é posto à prova, e a aplicação com sucesso desta técnica implica e obriga a que, o *Devil's Advocacy* se socorra de todos os recursos, doutrina, informação possíveis para contrariar o produto posto na mesa⁸⁴. No fundo, dá aso a que seja feita uma análise igualmente profunda por um outro analista com experiências diferentes, estímulos pessoais diferentes, e possivelmente até mesmo fontes de informações mais credíveis sobre o tópico em questão.

⁷⁵ Simon., p. 645

⁷⁶ Heuer and others, *Structured Analytic Techniques*, 2011. p. 177

⁷⁷ Central Intelligence Agency, 'A Tradecraft Primer: Structured Analytic Techniques for Improving Intelligence Analysis', *Intelligence*, 2009., p. 14

⁷⁸ *Idem*, p. 14

⁷⁹ Marcuse, *The One Dimensional Man, Igarss 2014*, 2014. p. 130

⁸⁰ Melvin A Goodman, '9/11: The Failure of Strategic Intelligence', *Intelligence and National Security*, 18.4 (2003), p. 62

⁸¹ Heuer. p. 9

⁸² Wirtz, Heuer, and Pherson., p. 419

⁸³ Simon., p. 647

⁸⁴ Heuer and others. p. 261

A curiosidade aliada à intuição são duas valências que podem permitir ao analista quebrar com tradições ou maneirismos de produzir informações, pela simples justificação de ser costume⁸⁵, confirmando-se que é sem dúvida uma característica essencial a qualquer analista.

Será seguidamente explorado a alínea c). Podemos concordar com o fato que, sem informação mais sólida, e sem o uso normalizado de técnicas analíticas estruturadas, não terá sido de todo uma tarefa simples realizar uma análise estratégica com sucesso⁸⁶.

Num primeiro plano é necessário reconhecer e aprofundar sobre a capacidade que a al-Qa'ida tem ou não de se organizar e com que equipamento, ou seja, conhecer o adversário⁸⁷. Ao nível das informações estratégicas é importante desenvolver este conhecimento, pois pode ser uma peça fundamental quando utilizamos a técnica de *Alternative Futures Analysis*, ou cenarização⁸⁸. Esta é uma técnica que recorre tanto a fontes internas como externas, consideradas especialistas, desde analistas a académicos e até mesmo decisores políticos na matéria, e por norma necessita de um período de tempo mais longo de aplicação, confrontando um número reduzido de hipóteses, normalmente duas, que representam o extremo uma da outra⁸⁹. As organizações terroristas são peritas no que fazem e deixam na melhor das hipóteses pequenas pistas ou pormenores que devido à imensidão de dados a analisar nos escapam, dificultando a nossa tarefa na tentativa de reduzir a surpresa estratégica ou tática⁹⁰.

No processo da análise estruturada há também que ter em conta que o analista ou especialista, mais distante destes métodos pode produzir análise mais relevante, que de modo algum retira importância ao uso das técnicas analíticas estruturadas, pelo contrário, destaca a sua importância⁹¹ uma vez que são essas mesmas técnicas que posteriormente ajudam a afunilar entre dados mais ou menos plausíveis.

Certo que as propostas terão sido intermináveis, e a verdade é que, a aplicação das técnicas de análise estruturada pode dar aso a uma extensão excessiva do diálogo sobre as

⁸⁵ Simon., p. 646

⁸⁶ Stephen Marrin, 'The 9/11 Terrorist Attacks: A Failure of Policy Not Strategic Intelligence Analysis', *Intelligence and National Security*, 26.2-3 (2011), p. 186

⁸⁷ William E. Odom, 'Intelligence Analysis', *Intelligence and National Security*, 23.3 (2008), p. 328

⁸⁸ Central Intelligence Agency, 'A Tradecraft Primer: Structured Analytic Techniques for Improving Intelligence Analysis', p. 34

⁸⁹ Heuer and others. p. 144

⁹⁰ *Idem*, p. 328

⁹¹ Noel Hendrickson, 'Critical Thinking in Intelligence Analysis', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 21.4 (2008), p. 685

possibilidades⁹². A equipa concorrente também funciona como teste à técnica, podendo inclusive chegar à conclusão de que para aquela análise daquele assunto outras técnicas são mais relevantes e produtivas, uma vez que nem sempre se trata de não saber aplicar corretamente a técnica, por vezes trata-se de aplicar corretamente a técnica menos adequada⁹³.

“Surely, these weak countries realize they are dealing with a superpower?”⁹⁴

Embora a citação mencione países é fácil transpormos este pensamento como se da al-Qa'ida se estivesse a referir, notando que esta é uma citação relativamente ao espírito da CIA. Os serviços de informações Malaios reportaram à CIA quanto à identidade de dois dos futuros terroristas do 9/11⁹⁵, que já residiam nos EUA, inclusive um deles constava do diretório dos números de telefone e outro possuía um cartão de crédito no seu nome. Poderá ser um ato ingénuo⁹⁶ retirar importância a dados recolhidos através de OSINT. No entanto como estes dois indivíduos estavam demasiado a descoberto a sua relevância tática foi mínima, pois aparentemente não estavam a cometer nada de ilegal no momento e local específicos, e em termos de conteúdo para análise não susteve validade comparando por exemplo a informação extraída por ação clandestina HUMINT⁹⁷. A intuição poderá ter apontado nesse sentido, e se tivesse sido esse o caso, poderia ter sido explorado, especialmente se tivermos em conta que a administração Bush e George Tenet, na altura DCI, acordaram em sancionar ações clandestinas contra Bin Laden⁹⁸.

4.2.2 Análise: O inacreditável II

a) *“(U) FACTUAL FINDING 4: AIRCRAFT AS WEAPONS*

(U) “From at least 1994, and continuing into the summer of 2001, the Intelligence Community received information indicating that terrorists were contemplating among other means of attack, the use of aircraft as weapons. This information did not stimulate any

⁹² Welton Chang and Philip E. Tetlock, ‘Rethinking the Training of Intelligence Analysts’, *Intelligence and National Security*, 31.6 (2016), p. 908

⁹³ *Idem*, p. 908

⁹⁴ George., p. 299

⁹⁵ Goodman., p. 62

⁹⁶ Philip H.J. Davies, ‘Information Warfare and the Future of the Spy’, *Information, Communication & Society*, 2010., p. 118

⁹⁷ Davies., p. 117

⁹⁸ Marrin., p. 186

specific Intelligence Community assessment of, or collective US Government reaction to, this form of threat.”⁹⁹

“ *It also minimized the prospects for hijackings within the United States, as compared with those initiated outside the country, arguing that it “would be a more difficult operation to execute.”* ”¹⁰⁰

*“CIA officers were well aware that terrorists could conduct an attack employing aircraft as weapons, and some factored this into their work:”*¹⁰¹

*“Acknowledging the 1995 plot, this report suggested that al-Qa’ida could conduct retaliatory attacks against the United States by crash-landing aircraft packed with high explosives into the Pentagon, CIA Headquarters, or the White House.”*¹⁰²

A surpresa tática neste caso não foi a utilização de aviões como armas, mas sim a forma como esses aviões foram transformados em armas¹⁰³. Terão existido analistas que consideraram a hipótese de simplesmente despenhar aeronaves comerciais contra infraestruturas sem uso de explosivos nem outras pirotecnias, é possível que esta análise não tenha recebido o devido mérito, sendo algo de inacreditável¹⁰⁴. Terá sido uma tarefa complexa acreditar que um método tão simples poderia resultar, e como tal é negado à partida¹⁰⁵. Uma das tarefas mais difíceis não é inteirar-se de novas perceções, é sim aceitá-las como substitutas das perceções anteriormente estabelecidas¹⁰⁶

Para a organização terrorista, a al-Qa’ida, existe uma vantagem no descrito dos parágrafos anteriores. Os operacionais para o ataque às Torres Gémeas não tinham recebido treino de pilotagem anteriormente, em nenhum outro país, e de explosivos não necessitavam porque nunca fez parte do plano. Quando o adversário não procura certa informação, é mais fácil manter o secretismo dessa informação¹⁰⁷, o que permite ter uma *OPSEC* capaz sem treino extenso. A al-Qa’ida soube usar em seu favor a subjetividade cultural mencionada

⁹⁹ Office of Inspector Office of Inspector General., p. 30

¹⁰⁰ *Idem*, p. 33

¹⁰¹ *Idem, ibidem.*, p. 35

¹⁰² *Id, ib*, p. 36

¹⁰³ Lowenthal, *Intelligence, From Secrets to Policy.*, p. 3

¹⁰⁴ Lowenthal, ‘Intelligence Epistemology: Dealing with the Unbelievable’., p. 320

¹⁰⁵ *Intelligence Theory: Key Questions and Debates*, ed. by Peter Gill, Stephen Marrin, and Mark Phythian, *UNISCI Discussion Papers*, 2009 , p. 12

¹⁰⁶ Heuer. p. 14

¹⁰⁷ Wirtz, J.J. em Gill, Marrin, and Phythian., p. 78

anteriormente. A CIA está numa nova realidade, trabalhar para prevenir um ataque que foi garantido de acontecer por Bin Laden, as capacidades SIGINT já não procuram torres de antena, mas tentam triangular telemóveis ou chamadas ponto a ponto, e todos os contactos que tocam em todos estes aspetos são ágeis e móveis, facilmente voltam a desaparecer quanto tão rápido entraram na rede, e assim mudou a tipologia do alvo¹⁰⁸. A CIA estava em posse do segredo, o ataque, mas nunca conseguiu desvendar o mistério de como e quando, e, qual a verdadeira intenção de Bin Laden ao querer usar aeronaves como arma?¹⁰⁹ Receber, organizar, interligar, refletir, colar, produzir, descrever e fazer uma análise são apenas algumas das tarefas colocadas em cima dos ombros do analista, que em alturas de maior clima intenso torna o fardo a carregar tanto mais pesado¹¹⁰.

Bush autorizou ações clandestinas contra Bin Laden e a al-Qa'ida embora, esta organização não seja um Estado numa região de um continente, mas sim uma estrutura não estatual¹¹¹.

Se não circulam informações de pilotos a ser treinados, ou a adquirir armamento para tomar o avião, ou até mesmo movimentações de explosivos de calibre militar seja pequenas ou grandes quantidades, a construção e análise a partir dos dados requer mais tempo, e origina um trabalho a mais longo prazo¹¹². A surpresa tática por norma não ganha guerras no terreno¹¹³, mas os ganhos temporários podem abalar a estrutura de tal maneira que a médio/longo prazo embora se perca a guerra, será difícil regressar ao *status quo* anterior à dita surpresa. O fato de não existir informação sobre um ataque em concreto a circular também é relevante. Pode ser indicador de uma *OPSEC* eficaz e não deve ser descurado.

Selecionar alguns elementos da organização terrorista sem experiência operacional, logo fazendo com que não constassem das listas de suspeitos internacionais¹¹⁴, pode ter sido uma opção consciente para melhorar a *OPSEC* logo a montante, retirando a máxima vantagem de uma estrutura com uma vasta rede. Esta vantagem traduz-se em ter várias células a atuar e preparar o ataque em simultâneo sem existir a necessidade de coordenação entre as

¹⁰⁸ Robert L. Hutchings, *New Frontiers of Intelligence Analysis*, ed. by Carol Dumaine and Luigi Sergio Germani (Italy, 2004)., p. 25

¹⁰⁹ Christopher Andrew, *Idem*, p. 75

¹¹⁰ Rob Johnson, *Idem, ibidem*, p. 145

¹¹¹ Roger C and Ross Housewright, *The next Steps in Reshaping Intelligence, Information Technology and Libraries*, 2010., p. 18

¹¹² *Idem*, p. 19

¹¹³ J.J. Wirtz em Gill, Marrin, and Phythian., p. 80

¹¹⁴ Kevin Michael Derksen, 'Commentary: The Logistics of Actionable Intelligence Leading to 9/11', *Studies in Conflict & Terrorism*, 28.3 (2005), p. 254-255

mesmas, ficando esta tarefa salvaguardada para um coordenador do ataque. Desta forma as células tornam-se estanques umas das outras, e a qualidade de informação que podem libertar sobre outra célula é virtualmente zero. Falamos de compartimentar¹¹⁵. A ligação das várias peças do puzzle não existia, e foi simplesmente negado o fato¹¹⁶ de que aviões iriam ser empregues no ataque fosse de que forma fosse.

Torna-se difícil aplicar a técnica de *Quality of Information Check*¹¹⁷ se ignorarmos as fontes à partida. Existem algumas possibilidades, associadas neste tópico: a qualidade das fontes ou uso de *D&D*. Ex-analistas da CIA confirmam que muitas vezes os dados em cru estão errados, contradizem-se ou espelham opiniões muito subjetivas¹¹⁸, além de que, o uso correto de técnicas de decepção pode primariamente ser indetetável, ou, obrigar o analista a um excesso de procura a procedimentos de decepção, onde eles não existem¹¹⁹. A contribuir para esta falta de confiança em fontes externas a al-Qa'ida aplica medidas agressivas de negação da informação¹²⁰.

De notar, ainda, que os ataques às Torres Gémeas sofreram alteração de datas pelo menos duas vezes¹²¹. A al-Qa'ida demonstrou uma paciência muito ponderada que só pode ser obtida através de confiança na *OPSEC* em uso. Em última análise a incompreensão que estavam perante um inimigo determinado e estrategicamente doutrinado¹²², poderá ter impedido que os analistas da CIA aplicassem determinadas técnicas de análise para verificar fontes e construir cenários onde o pensamento mais crítico e imaginativo¹²³, propusesse que a aeronave por si só, é uma arma que não precisa de adereços para atingir um alto grau de letalidade.

¹¹⁵ *Idem*, p. 254

¹¹⁶ Shelton., p. 648

¹¹⁷ Central Intelligence Agency, 'A Tradecraft Primer: Structured Analytic Techniques for Improving Intelligence Analysis', p. 10

¹¹⁸ Arthur S. Hulnick, 'What's Wrong with the Intelligence Cycle', *Intelligence and National Security*, 21.6 (2006), p. 961

¹¹⁹ Heuer and others.p. 190-191

¹²⁰ Daniel Byman, 'Intelligence and National Security: The Intelligence War on Terrorism', *Intelligence and National Security*, 296.April (2014) , p. 961

¹²¹ Derksen., p. 264

¹²² Erik J Dahl, 'Warning of Terror: Explaining the Failure of Intelligence Against Terrorism', *Journal of Strategic Studies*, 28.1 (2005) , p. 46

¹²³ *Idem*, p. 46

4.3 A análise em ambiente controlado e a análise em ambiente excecional

A reflexão feita nos pontos anteriores levou-nos a considerações acerca do processo analítico, discutindo técnicas e ações que dificultaram a aplicação atempada dessas mesmas técnicas. Fez-se também menção a como certas heranças culturais e profissionais podem afetar o processo cognitivo durante a análise. Cabe neste ponto endereçar uma outra questão que também nos parece pertinente mencionar novamente no meio académico, e talvez, profissional.

Propomos que observemos papel do analista, e o local de trabalho do analista. Atualmente o analista é considerado um homem de secretária, enquanto que o terreno fica para os elementos operacionais ligados à recolha de dados, seja por HUMINT ou SIGINT por exemplo. São duas carreiras completamente distintas. O carácter para se ser analista ou espião é muito diferente, tais como as exigências ao nível cognitivo, não maior/menor ou melhor/pior, apenas com especificações inerentes ao desempenho da função e ao nível do carácter pessoal.

Ao falarmos de informações nesta dissertação, há uma nota a deixar claro. Consideramos o universo do terrorismo como muito específico, e como tal, todas as ideias aqui discutidas são no sentido do estudo do terrorismo e das informações no terrorismo.

Dois conceitos seminais para desenvolver o texto. Primeiro, o conceito de analista operacional apresentado pelo Doutor Heitor Barras Romana em 2004¹²⁴. Segundo, a teoria de análise avançada¹²⁵ no ambiente operacional, ou teatro de operações consoante se nos estivermos a referir a um ambiente civil ou militar, ou misto. Muitas vezes, ambos se cruzam e tornam difíceis de distinguir. Passemos a definir estes os conceitos.

Analista operacional é o indivíduo tradicionalmente ligado às operações clandestinas de recolha de dados, como operações HUMINT. No entanto, como analista operacional, passa a desempenhar como o termo indica também a função de analista dos dados que recolhe, em vez de simplesmente os rotear para a sede, onde habitualmente estão os analistas puros e duros. Ou seja, o material que chega à sede já é um produto sujeito a uma análise, já são informações propriamente ditas e não dados crus.

¹²⁴ Adriano (coord.) Moreira, *Informações E Segurança. Estudos Em Honra Do General Pedro Cardoso*, ed. by Prefácio (Lisboa, 2004)., p. 267

¹²⁵ Wayne Michael Hall and Gary Citrenbaum, *Intelligence Analysis: How to Think in Complex Environments.*, p. 2

Advanced analysis pressupõe que o analista operacional faça mais que uma primeira análise. Entende que este analista operacional é experiente na análise e capaz de fabricar um produto altamente estruturado e aprofundado com conhecimento privilegiado do ambiente operacional e do grupo ou indivíduo alvo¹²⁶.

Existem paradigmas associados à análise, sem ser concretamente doutrina de análise, e afetam tanto o trabalho resultante do analista como ele próprio. Certo que para se fazer análise e produzir informações é necessário tempo, sempre escasso, e um ambiente onde o processo cognitivo possa ser desenvolvido sem interferência do exterior. A elaboração de documentos de cariz estratégico, avaliar realidades atuais no sentido de tentar obter alguma previsão do rumo futuro, construir cenários são apenas algumas das tarefas exigidas ao analista no seu ambiente controlado¹²⁷. O analista propriamente dito não goza de muitas vantagens ao trabalhar permanentemente numa secretária da sede ou delegação. Ele não tem contacto direto com o decisor político, tem uma longa estrutura hierárquica que o seu produto vai percorrer antes de chegar ao decisor, se lá chegar. Esta tarefa pode ir desde horas a dias¹²⁸, é um processo que não deve ser acelerado de forma a poder garantir eliminação de falsos verdadeiros, procura ou reorganização da informação disponível. É um ato complexo e moroso, estruturado e organizado. O rigor desta metodologia possibilita a existência de um rasto doutrinário que pode ser consultado ou revisto posteriormente para reflexão da sua utilização e aplicação de melhoramentos a nível de utilização da metodologia, identificação de erros ou constatação de técnicas eficazes¹²⁹.

Embora determinada situação em si possa ser relatada com relativa rapidez, as causas ou consequentes fatores propiciadores a descobrir não o são, e o caminho entre o operacional e o analista fica cada vez mais longo e lento¹³⁰. É necessário tempo para o operacional contatar as fontes, registar os acontecimentos, estar alerta enquanto monitoriza a situação¹³¹, e enquanto todo este processo se desenrola, o analista que está na sede no seu ambiente

¹²⁶ Hall and Citrenbaum. p. 2

¹²⁷ Romana, Heitor – “O novo *framework* do terrorismo internacional de matriz Islâmica: Desafios ao modelo de análise em Informações Estratégicas”, in Moreira, Adriano. Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 257-270

¹²⁸ Central Intelligence Agency, ‘A Tradecraft Primer: Structured Analytic Techniques for Improving Intelligence Analysis’, p. 34

¹²⁹ Stephen Coulthart, ‘Why Do Analysts Use Structured Analytic Techniques? An in-Depth Study of an American Intelligence Agency’, *Intelligence and National Security*, 31.7 (2016) , p. 937

¹³⁰ Romana, Heitor – “O novo *framework* do terrorismo internacional de matriz Islâmica: Desafios ao modelo de análise em Informações Estratégicas”, in Moreira, Adriano. Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 257-270

¹³¹ *Idem*, p. 257-270

controlado pouco pode fazer que aguardar por novos dados de forma a poder continuar a sua análise. O mundo está constantemente a fluir em direções iguais e opostas seja de dia ou de noite¹³², e muito pode mudar antes da informação chegar ao analista, especialmente em situações de rápido desenvolvimento ou crise. A dinâmica e fluidez do inimigo mudou radicalmente, e este podemos considerar, que é igualmente uma viragem paradigmática se tivermos em conta que, no período da Guerra Fria as características prendiam-se com relativa estabilidade ou continuidade das ações do adversário, um corpo de analistas experiente, uma rede de informações mais estável e com laços estabelecidos, entre outras¹³³. Assim, presentemente estamos num ponto da história mundial em que as ações de países, líderes, organizações terroristas são cada vez mais não lineares, onde a proporcionalidade das opções já não é um fator decisivo muitas das vezes¹³⁴.

A al-Qa'ida provou ser um inimigo que embora não estivesse baseado numa metrópole contemporânea, com todos os acessos tecnológicos e científicos, este fato não diminuiu a sua capacidade de fazer proveito das tecnologias, de ser imaginativo e perspicaz¹³⁵. A análise em ambiente excecional pode trazer vantagens. A análise em ambiente controlado está restrita ao ciclo de informações comumente conhecido. Uma vez que o analista operacional estará encarregado de fazer a sua própria análise com os dados obtidos, ou seja, ele próprio faz a interpretação, organização, colagem, e análise, elimina à partida a fase de recolha, envio para o analista e espera de uma resposta a pedir mais dados para continuar análise ou novo requerimento para recolha sobre outro assunto, fazendo uma poupança de tempo dentro do ciclo¹³⁶. Neste sentido é tanto mais essencial o bom conhecimento e experiência em aplicação das técnicas de análise estruturada. Assim, o AO para poder efetuar análise de informações em ambiente excecional tem de possuir um conhecimento micro e macro desse mesmo ambiente e dos assuntos que vigoram a sua atenção¹³⁷. Hipoteticamente será desta forma capaz de circundar mais eficientemente o conceito de lógica situacional, que consiste em considerar ações que o ator ou grupo irão tomar numa lógica de comportamento direcionado

¹³² Hall and Citrenbaum., p. 10

¹³³ Jeffery R. Cooper, 'Curing Analytic Pathologies: Pathways to Improved Intelligence Analysis', *Center for the Study of Intelligence*, December (2005), 1–70 p. 23

¹³⁴ Hall and Citrenbaum.p. 10

¹³⁵ *Idem*, p. 12

¹³⁶ Romana, Heitor – “O novo *framework* do terrorismo internacional de matriz Islâmica: Desafios ao modelo de análise em Informações Estratégicas”, in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 257-270

¹³⁷ Romana, Heitor, *idem*. p. 257-270

para meios-objetivos¹³⁸. Tal obriga-nos não só a perceber o ator, mas acima de tudo a perceber quais os seus viés cognitivos e emocionais¹³⁹. Esta lógica situacional é alimentada pelo fato que, o Ocidente compreende o Ocidente, porque assume como fatural que o modo de vida do Ocidente é o praticado nos países pertencentes a essa designação oficiosa¹⁴⁰. Aqui propomos que a posição do AO pode trazer vantagens quanto a estas barreiras profissionais e mentais, uma vez este estará sempre em grande proximidade com o material cru e a fonte desse mesmo material, característica bastante apreciada e incentivada no OSS¹⁴¹, potencialmente evitando um período mais alargado de desconhecimento que tem de ser colmatado com nova pesquisa e recolha traduzindo-se num mais curto período inicial de incerteza¹⁴².

Para tal, colocamos a hipótese de que é necessário que o analista tenha a sua sede, tanto quanto possível fora do circuito formal¹⁴³, e no ambiente excecional.

Gostaríamos de apelar à inovação e experimentação de metodologias que envolvam os analistas e a análise de informações de forma a conseguir acompanhar a fluidez do terrorismo islâmico, e em princípio, o ambiente operacional¹⁴⁴ providenciaria um laboratório interessante. O AO necessita de ter uma elasticidade cognitiva que lhe permita a estruturação de processos mentais complexos com rapidez e precisão¹⁴⁵, para que possa aplicar as suas técnicas de análise estruturada com confiança, dando aso a um produto sólido e compacto que pode ser incorporado pelo analista em ambiente controlado numa análise de maior longevidade.

Talvez uma das grandes vantagens que as organizações terroristas têm relativamente aos serviços de informações ocidentais é o fato de não terem receio de se adaptarem e testarem essa adaptação. A al-Qa'ida tem o luxo de não ter de prestar justificações às vidas humanas que emprega e perde neste processo, tomando assim duas das maiores vantagens no campo de batalha: a surpresa e a iniciativa¹⁴⁶.

¹³⁸ Heuer. p. 33

¹³⁹ *Idem*, p. 33

¹⁴⁰ Benedict. p. 12

¹⁴¹ W.W. Rostow, *Concept and Controversy* (University of Texas Press, 2003). p. 32-33

¹⁴² Hall and Citrenbaum., p. 12

¹⁴³ Romana, Heitor – “O novo *framework* do terrorismo internacional de matriz Islâmica: Desafios ao modelo de análise em Informações Estratégicas”, in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004. p. 257-270

¹⁴⁴ Romana, Heitor, *idem*. p. 257-270

¹⁴⁵ Hall and Citrenbaum., p. 23

¹⁴⁶ *Idem*, p. 33

5 al-Qa'ida

Após considerações efetuadas no capítulo anterior, oferecemos no presente capítulo uma visão mais estruturada para a al-Qa'ida.

No entanto, importa referir, que no que toca a organizações terroristas, por natureza secreta da sua existência, e embora existam documentos obtidos e testemunhos recolhidos, trabalhamos numa base de pressupostos e assunções.

Não cabe neste estudo um aprofundamento acerca da al-Qa'ida na sua estrutura e organização, no entanto, consideramos que o texto não ficaria completo sem visitarmos o interior desta organização terrorista.

Mas façamos uma contextualização em primeira instância. Parece-nos que a seguinte afirmação acerca da ideologia nas sociedades modernas, enquadra o percurso ideológico da al-Qa'ida.

*“Esta é, pois, uma primeira conclusão no que respeita ao fenómeno ideológico: tem um valor funcional indiscutível interesse científico. O seu valor intrínseco pertence ao domínio da apologética sendo, por conseguinte, exterior ao campo da análise científica. Em todo o caso a existência de ideologia nas sociedades humanas configura uma lei sociológica.”*¹⁴⁷

O argumento aqui apresentado, é que esta definição se aplica à fase do enquadramento religioso e doutrinário usado por Bin Laden, aquando da formação da al-Qa'ida. De fato, os contornos do Islamismo são moldados de uma forma funcional, que torne possível o enquadramento ideológico da *jihad* dentro da fé, ao que simultaneamente esse mesmo enquadramento assume um carácter apologético para o uso da violência extrema em nome do Islão.

Os efetivos da al-Qa'ida pertencem essencialmente ao ramo Sunita, que por sua vez é integrante dos Salafitas. O Salafismo deriva etimologicamente do termo árabe *Salaf*, que se traduz contextualmente como verdadeiros predecessores, ou seja, os verdadeiros sucessores do Profeta Maomé¹⁴⁸. No fundo os Sunitas consideram-se os únicos e verdadeiros herdeiros e

¹⁴⁷ Lara. p. 50

¹⁴⁸ John Turner, 'From Cottage Industry to International Organisation: The Evolution of Salafi-Jihadism and the Emergence of the Al Qaeda Ideology', *Terrorism and Political Violence*, 22.4 (2010). p. 543

seguidores do Islão, detentores da verdadeira ortodoxia e seguidores das *hadith*, mas tolerantes. Aliás, a tolerância dos sunitas é identificável na postura de Bin Laden relativamente ao Iraque, Irão e Líbano, onde as comunidades islâmicas são essencialmente, Xiitas. Esta tolerância traduzia-se também através de Zawahiri, uma vez que a al-Qa'ida condenou veemente as ações de Zarqawi quando este iniciou ataques suicidas contra a população Xiita no Iraque¹⁴⁹. Algo que, era considerado não só estrategicamente contraproducente como não tinha cabimento no objetivo final, a instauração do Califado e a proteção da *ummah*. Embora a vertente Xiita seja condenável pelos Sunitas, existe uma capacidade e uma tolerância relativamente a estes, numa condição de aceitabilidade pelo bem da comunidade islâmica. Pelo menos, até à consagração do poder pelos sunitas, mas esta, é outra discussão.

Portanto, onde começa a al-Qa'ida? Cerca de 1980, o *Sheikh* Abdullah Azzam faz caminho até Peshawar, no Paquistão, onde com a ajuda do seu protegido, Bin Laden, cria o *Makhtab al-Khadamat al-Mujahideen*, ou MAK. É um serviço que tem como propósito receber jihadistas, e direcioná-los para os novos teatros de conflito, principalmente novas frentes dentro do Afeganistão¹⁵⁰ contra os soviéticos. Em 1989 Bin Laden declara oficialmente a criação da al-Qa'ida, também em Peshawar, Paquistão¹⁵¹.

5.1 Estrutura e metodologia de ação

Para compreender a al-Qa'ida e o 9/11 existem primeira duas formas de olhar para a sua estrutura, ambas com a sua devida relevância. A estrutura interna, e a estrutura externa. A primeira ajuda-nos a ter uma ideia dos processos decisórios e da constituição daquilo a que atualmente a academia vai designando por *al-Qa'ida Core*, e a segunda ajuda-nos a entender o fluxo de relações que permitem obter vantagens e desvantagens na prática do terrorismo.

¹⁴⁹ Carta de Zawahiri a Zarqawi

¹⁵⁰ Jessica M. Huckabey and Mark E. Stout, 'Al Qaida's Views of Authoritarian Intelligence Services in the Middle East', *Intelligence and National Security*, 25.September 2013 (2010), 327–49. p. 333

¹⁵¹ Asaf Maliach, 'Bin Ladin, Palestine and Al-Qa'ida's Operational Strategy', *Middle Eastern Studies*, 44.3 (2008) p. 355

5.1.1 Estrutura interna

Internamente a al-Qa'ida apresenta uma estrutura vertical clássica, com hierarquia definida, dividida em vários departamentos, cada qual com a sua missão específica, e subdepartamentos. Baseando-nos em Gunaratna¹⁵², desenvolvemos um organigrama, a partir do apresentado pelo próprio com as alterações que se consideram relevantes. De notar, que a estrutura apresentada em Figura 1, é o que se crê até à data de 2010, antes da morte de Bin Laden, portanto. A Figura 1 ser-nos-á útil no tópico seguinte de igual forma.

Cabem alguns esclarecimentos quanto à Figura 1. À primeira observação poderá parecer confuso, este organigrama ser apresentado sob o tópico de estrutura interna, e nele se poder observar ligações entre a al-Qa'ida e organizações terroristas externas à mesma. Serve para demonstrar, a fluidez com que esta organização terrorista operou, antes do 9/11.

Também, perto da posição do líder, o Emir, aparece-nos um *handler*, que, pode servir de ligação ao Emir, ou pode não existir esse controlador ou gestor, e o contacto entre a organização ou elemento da organização com o Emir ser direto. Mohamed Atta, uma das, senão mesmo a, principal figura de entre os terroristas do 9/11, pertenceu, como todos à Unidade de Forças Especiais, sob o Comité Militar. Isto deve-se ao fato de, para a al-Qa'ida, estas Forças Especiais estavam incumbidas de todas as missões externas, ou internacionais¹⁵³. Embora o organigrama apresente vários escalões entre as Forças Especiais e o Emir, em missões altamente sensíveis, a hierarquia não é devidamente seguida. É também uma forma de evitar burocracias, gasto de tempo e meios. Em certas ocasiões, Atta deslocou-se ao Afeganistão e teve contato direto com o Emir¹⁵⁴, contornando, se observarmos a Figura 1 entre um a quatro escalões hierárquicos. Se considerarmos que contactou diretamente com o Emir, passou quatro escalões, sejam o Comité Militar, o *Majlis al-Shura*, o Deputado e o Secretário. Noutras ocasiões, Atta tinha um controlador/gestor, bin al-Shibh, que intermediava entre este e o Emir. É possível então deduzir, que as necessidades operacionais do momento influenciaram o acesso ao Emir, em momentos maior ou menor.

¹⁵² Rohan Gunaratna and Aviv Oreg, 'Al Qaeda's Organizational Structure and Its Evolution', *Studies in Conflict & Terrorism*, 33.12 (2010) <<https://doi.org/10.1080/1057610X.2010.523860>>. p. 1055

¹⁵³ Gunaratna and Oreg. p. 1059

¹⁵⁴ Devin D. Jessee, 'Tactical Means, Strategic Ends: Al Qaeda's Use of Denial and Deception', *Terrorism and Political Violence*, 18.3 (2006) <<https://doi.org/10.1080/09546550600751941>>. p. 381

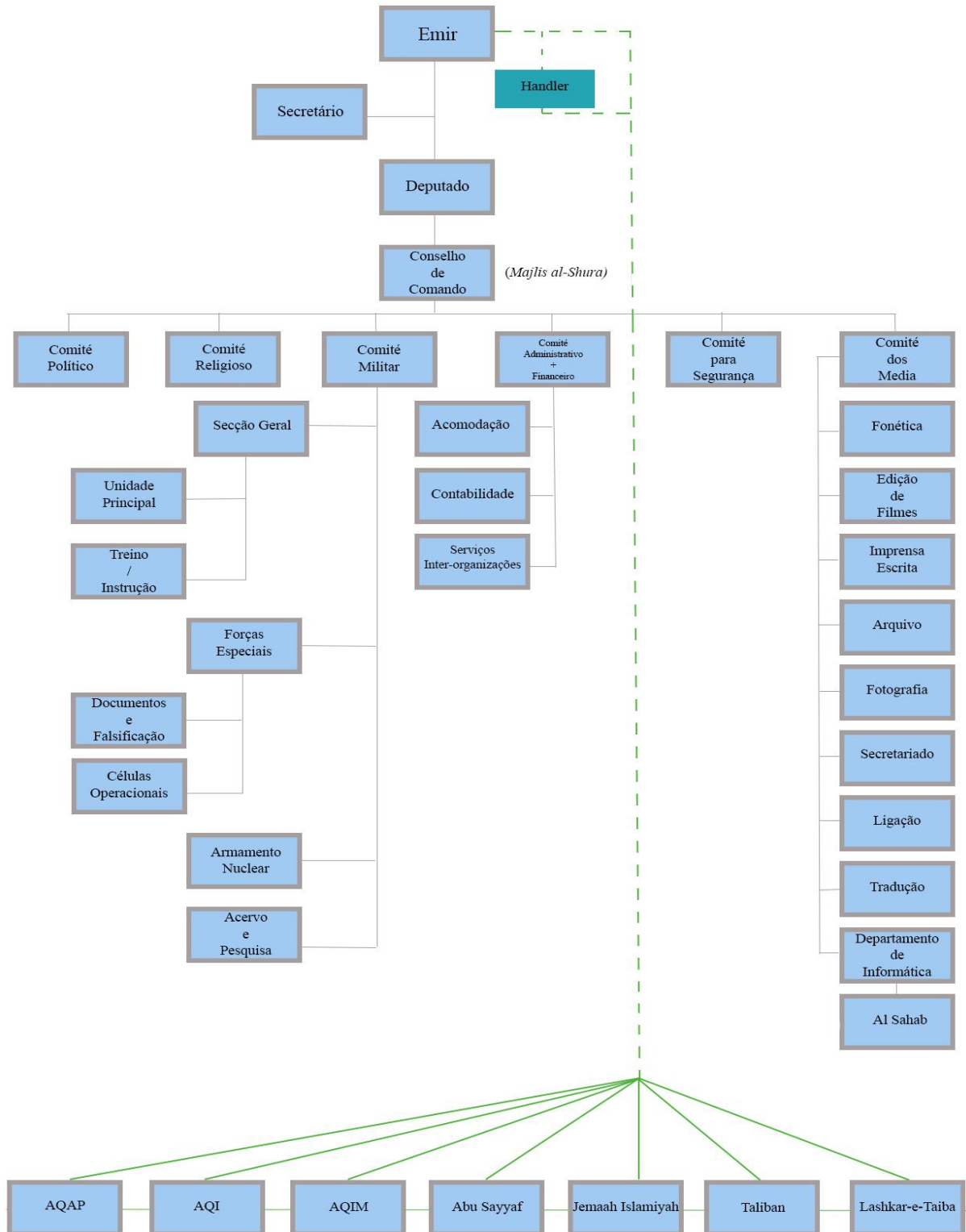


Figura 1

Adaptado de Gunaratna (2010)

Mantendo a lógica, Khalid Sheikh Muhammad, ou KSM, o homem cuja mente conceptualizou o uso de aviões comerciais como arma para o 9/11, era um elemento externo à al-Qa'ida¹⁵⁵, mas foi-lhe dado oportunidade de apresentar os seus planos, através de reuniões diretas com Bin Laden¹⁵⁶.

Existe assim, num primeiro nível, uma estrutura interna, composta pela al-Qa'ida e pelos grupos filiados, altamente mutável consoante necessidades operacionais, e até mesmo interesse do escalão superior por certas operações¹⁵⁷. No entanto consideramos, que existe num segundo nível, uma estrutura interna ocasional, altamente permeável, multidireccionada. Este segundo nível é caracterizado por algumas situações. Tomemos por exemplo o caso da Jemaah Islamiyya e do Abu Sayyaf, no Sudeste asiático, cujos elementos foram ocasionalmente treinados em campos da al-Qa'ida, e que em determinadas operações estes grupos procuraram a al-Qa'ida para apoio no planeamento e na fase operacional¹⁵⁸. Não significa que tenham tido contacto com o Emir da al-Qa'ida, mas, significa, no entanto, que ainda sendo organizações terroristas afiliadas, e não diretamente dependentes da estrutura da al-Qa'ida, de forma muito simbiótica e em momentos precisos permeiam para o interior da mesma. O mesmo caso é possível de observar com os Taliban e com a Lashkar-e-Taiba, que chegam mesmo a participar em operações da al-Qa'ida¹⁵⁹, colocando os seus efetivos sob o comando, e, portanto, estrutura interna desta consoante a necessidade momentânea para realizar a operação, se necessário até mesmo desde a fase de planeamento.

Considerámos pertinente distinguir estes dois níveis internos na estrutura da al-Qa'ida, pois a própria natureza altamente adaptável da organização não permite, argumentamos, uma definição rígida¹⁶⁰. Embora os organigramas pesquisados sejam esclarecedores, cremos que não são tão indicativos do carácter maleável da al-Qa'ida, que é uma das suas características mais inovadoras e por consequência, mais perigosa. A colocação, de algumas filiações e de alguns dos grupos afiliados ou parceiros, regularmente mencionados, no organigrama, ajuda a entender sob outro olhar, como a estrutura interna da al-Qa'ida pode operar.

¹⁵⁵ Gaetano Joe Ilardi, 'The 9/11 Attacks—A Study of Al Qaeda's Use of Intelligence and Counterintelligence', *Studies in Conflict & Terrorism*, 32.3 (2009). p. 173

¹⁵⁶ *Idem*, p. 174

¹⁵⁷ Assaf Moghadam, *Top-Down and Bottom-Up Innovation in Terrorism: The Case of the 9/11 Attacks*, 2013. p. 21

¹⁵⁸ Daniel Byman, 'Buddies or Burdens? Understanding the Al Qaeda Relationship with Its Affiliate Organizations', *Security Studies*, 23.3 (2014). p. 437

¹⁵⁹ *Idem*, p. 436

¹⁶⁰ Petter Nesser, 'Ideologies of Jihad in Europe', *Terrorism and Political Violence*, 23.March 2015 (2011). p. 184

5.1.2 Metodologia de ação

Acerca da metodologia de ação da al-Qa'ida, há que deixar assente um primeiro pressuposto. Organicamente, a al-Qa'ida não possui um local ou entidade central de material de guerra. Isto é, seja para ações de combate, missões suicidas, atos terroristas em geral, a al-Qa'ida adquire os materiais necessários, de forma *ad hoc*¹⁶¹. O fato de utilizar esta metodologia quanto aos materiais necessários confere-lhe grande mobilidade, evita o amontoamento de materiais que não sejam previstos como úteis no futuro próximo, e acima de tudo, retira temporalidade ao rasto das aquisições. Isto é, aquisições novas feitas em cima do momento, especialmente se o propósito for para um atentado terrorista, significa que os materiais são de duração e existência limitada, pois, não existe reaproveitamento dos mesmos.

Embora seja uma organização terrorista que dá preferência a ataques isolados, a al-Qa'ida também se envolve em confrontos cinéticos diretos, sendo um exemplo disso o envio de jihadistas para as frentes de combate Taliban¹⁶².

Relativamente aos processos de recrutamento, existem considerações a ser feitas. A al-Qa'ida usou a internet maioritariamente como plataforma de mensagens e disseminação de informação¹⁶³. A exemplo a comunicação entre membros¹⁶⁴, onde este meio virtual é considerado extremamente importante para a manutenção do fator global da *jihad*¹⁶⁵, como seja também o envio de determinados manuais ou simples instruções de treino¹⁶⁶ entre membros afastados por milhares de quilómetros, onde além das restrições físicas naturais, existem restrições legais e judiciais por vezes.

É relevante então mencionar, que o recrutamento feito pela al-Qa'ida baseou-se muitas vezes numa situação de contato presencial¹⁶⁷. Por um lado, os elementos desta organização atuavam como observadores, ativamente procurando potenciais elementos, impressionáveis, para recrutar pelas mais variadas razões e com os mais distintos objetivos, como por exemplo

¹⁶¹ Lisa J. Campbell, 'Applying Order-of-Battle to Al Qaeda Operations', *Low Intensity Conflict & Law Enforcement*, 11.2-3 (2002). p. 300

¹⁶² Anne Stenersen, 'Al Qaeda's Foot Soldiers: A Study of the Biographies of Foreign Fighters Killed in Afghanistan and Pakistan Between 2002 and 2006', *Studies in Conflict & Terrorism*, 34.3 (2011). p. 174

¹⁶³ Brian A Jackson and Bryce Loidolt, 'Considering Al-Qa'ida's Innovation Doctrine: From Strategic Texts to "Innovation in Practice"', *Terrorism and Political Violence*, 25.2 (2013). p. 285

¹⁶⁴ Jessee, 'Tactical Means, Strategic Ends: Al Qaeda's Use of Denial and Deception'. p. 379

¹⁶⁵ Joshua Alexander Geltzer, 'Six Rather Unexplored Assumptions about Al-Qaeda', *Critical Studies on Terrorism*, 1.3 (2008) p. 400

¹⁶⁶ *Idem*, p. 401

¹⁶⁷ Scott Gerwehr and Sara Daly, 'Al-Qaida: Terrorist Selection and Recruitment', *The McGraw-Hill Homeland Security Handbook* (..., 2005. p. 74

para se tornarem espões¹⁶⁸. Outras ocasiões o recrutamento foi feito a partir de células terroristas locais, pertencentes a grupos afiliados, além, dos voluntários que se manifestavam sem aviso prévio¹⁶⁹. Todo este processo permite que seja feito um despiste dos candidatos em antecipação ao investimento em treino específico. No caso específico dos voluntários sem experiência comprovada ou recém-chegados ao universo da *jihad*, muitas vezes estes são sujeitos a isolamento físico e posterior doutrinação religioso intensivo¹⁷⁰. Assim se confere ao próprio líder da al-Qa'ida a base para poder decidir com confiança sobre certos parâmetros do 9/11. Alguns dos elementos do 11 de Setembro foram aprovados por Bin Laden num curtíssimo espaço de tempo, alguns em cerca de 10 minutos após contato com o próprio¹⁷¹, ato que só foi possível, primeiro pela própria autoconfiança que Bin Laden tinha em si próprio, mas também nos processos de recrutamento e seleção da organização.

5.2 Estrutura de Informações: al-Qa'ida

Neste ponto apresentaremos uma proposta para a conceptualização da estrutura de informações montada pela al-Qa'ida. O Anexo “E” mostra o organograma da CIA¹⁷², que deverá ser consultado a título de curiosidade, e para obter uma base de partida para melhor apreciar o conceito apresentado neste estudo.

Na al-Qa'ida as informações ficam a cargo do Comité Militar¹⁷³, uma vez que este é o órgão responsável pelas missões das Forças Especiais, internacionais, e pelas operações regionais, inserimos aqui Mohammad Atta e o 9/11. A flexibilidade da al-Qa'ida permitiu que neste caso, um dos seus operacionais coletores de informações fizesse uma ultrapassagem por vários escalões diretamente até ao Emir, ou através do seu gestor. Duas elações importantes podem ser retiradas desta flexibilidade. Primeiro, o tempo de processamento das informações

¹⁶⁸ Operational Training Unit and FBI Counterintelligence Division, ‘Terrorist Training Manual’, 2000. p. UK/BM - 92

¹⁶⁹ Rohan Gunaratna and Anders Nielsen, ‘Al Qaeda in the Tribal Areas of Pakistan and Beyond’, *Studies in Conflict & Terrorism*, 31.789181513 (2008). p. 793

¹⁷⁰ Samuel P. Huntington, ‘Al-Qaeda: A Blueprint for International Terrorism in the Twenty-First Century?’, *Defence Studies*, 4.2 (2004). p. 232

¹⁷¹ Assaf Moghadam, ‘How Al Qaeda Innovates’, *Security Studies*, 22.3 (2013). p. 479

¹⁷² <https://www.cia.gov/about-cia/leadership/cia-organization-chart.html> consultado em 2 Fevereiro 2017

¹⁷³ Huntington. p. 237

é drasticamente reduzido¹⁷⁴, que por sua vez leva ao segundo ponto, que se prende com a utilidade e capacidade de capitalizar sobre essas informações¹⁷⁵.

A temporalidade das informações é um paradigma que nos é bem conhecido, e a eliminação de filtros que possam comprometer essa temporalidade é uma vantagem tática. De igual forma, a decisão da estrutura de liderança tem efeitos virtualmente imediatos na ação espoletada por essas informações. O ímpeto das operações em que a *al-Qa'ida Core* tem interesse melhora por consequência desta interação mais direta.

Tal como a ilicitude do terrorismo, também os terroristas cometem atos ilícitos na procura de informações que lhes possam fornecer vantagem, ou seja, não sofrem dos mesmos constrangimentos legais e burocráticos que a CIA¹⁷⁶. O capítulo dedicado aos interrogatórios, no *Terrorist Training Manual*, tal como o capítulo dedicado ao recrutamento de agentes de informações, no mesmo manual, são indicativos deste fato. Esta recolha de informações, seja através de OSINT¹⁷⁷, ou através de atividades ilegais, não é feita num sentido estritamente bárbarico ou juvenil. Como adiante se irá demonstrar, a estrutura de informações da al-Qa'ida, e especificamente a forma como os operacionais lidam com a recolha e tratamento de informações, é de um pormenor e racionalidade¹⁷⁸ equiparáveis a um serviço de informações estabelecido e sazonado.

Outro aspeto relevante a mencionar, é o fato de que a al-Qa'ida é o topo da hierarquia, se pudermos considerar que existe uma *IC* na rede global terrorista islâmica. Além disso, não faz concorrência direta a ninguém, preferindo usar outros métodos de afiliação ou coação. Estar no topo significa que esta organização atua como uma roteadora de informações às organizações afiliadas e aos filiados¹⁷⁹, e de igual modo uma recetora¹⁸⁰.

¹⁷⁴ Robert J. Bunker and Matt Begert, 'Operational Combat Analysis of the Al Qaeda Network', *Low Intensity Conflict & Law Enforcement*, 11.2-3 (2002), 316-39. p. 323

¹⁷⁵ *Idem*, 323

¹⁷⁶ Bunker and Begert. p. 323

¹⁷⁷ *Idem*, p. 323

¹⁷⁸ Ilardi, 'The 9/11 Attacks—A Study of Al Qaeda's Use of Intelligence and Counterintelligence'. p. 177

¹⁷⁹ Tricia Bacon, 'Hurdles to International Terrorist Alliances: Lessons From Al Qaeda's Experience', *Terrorism and Political Violence*, 6553. April (2015). p. 88

¹⁸⁰ Figura 2

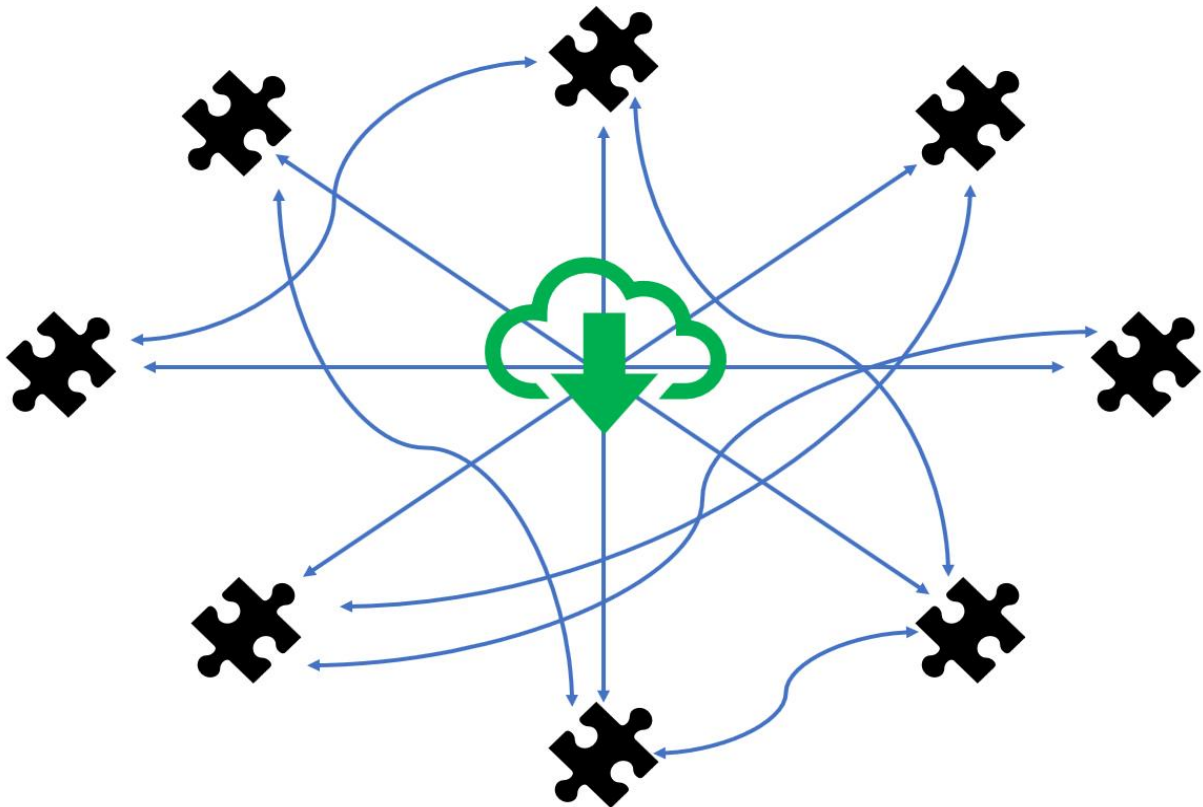


Figura 2

Esquema elaborado pelo autor.

Observemos então uma representação gráfica daquilo que conceptualizámos ser o funcionamento da rede de informações da al-Qa'ida, onde as peças do puzzle representam os vários sensores de informações, sejam estes indivíduos ou grupos¹⁸¹, em que a organização de Bin Laden assume o papel preponderante de nuvem. Se contemplarmos uma lógica de processamento de informações e fluidez de análise¹⁸², a al-Qa'ida é talvez a única estrutura que apresenta condições favoráveis, devido aos recursos que possui, à recolha, mas também compilação, pré-análise ou exploração, com posterior disseminação, da quantidade de dados recebidos através das várias fontes espalhadas pelo globo. A importância da análise inicial avançada, se aplicarmos o conceito de AO a Mohamed Atta e a KSM, é ainda mais desejável¹⁸³ uma vez que permite ao centro desta rede de informações uma rentabilização de tempo no ciclo das informações. Esta lógica de gestão de conhecimento funciona

¹⁸¹ Figura 3

¹⁸² Edward Waltz, *Knowledge Management* (Artech House, 2003). p. 42

¹⁸³ *Idem*, p. 47

naturalmente dentro de uma organização estabelecida em rede aberta¹⁸⁴, com foco no epicentro, a al-Qa'ida¹⁸⁵.

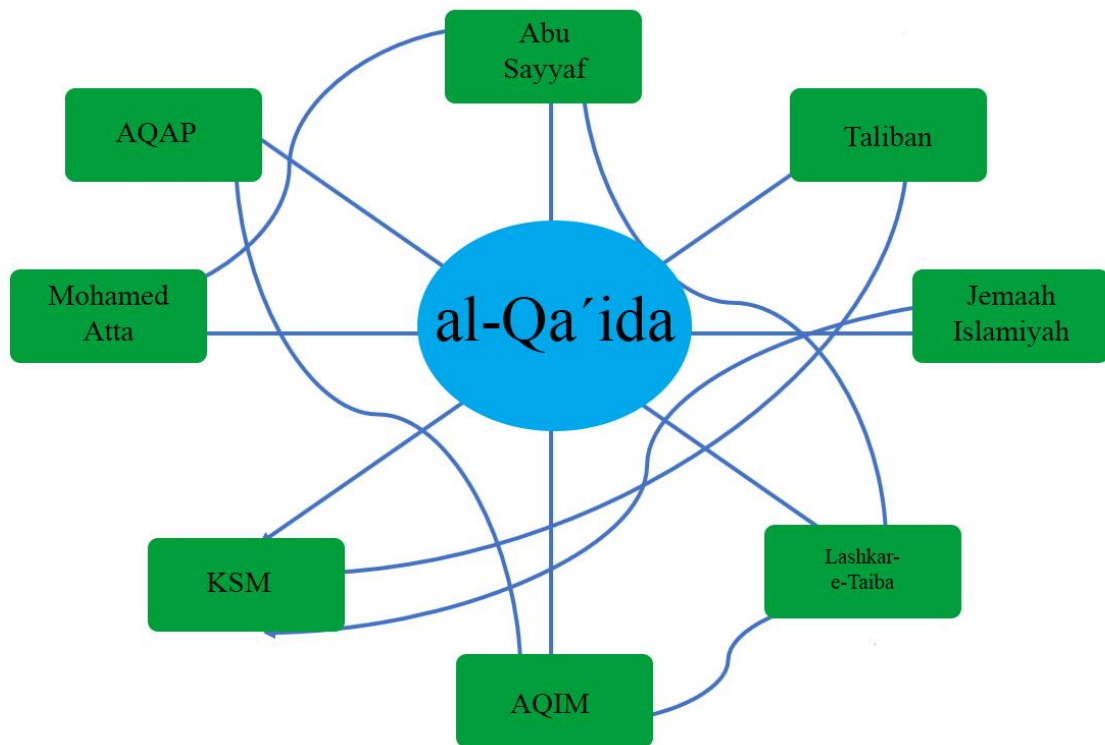


Figura 3
Esquema elaborado pelo autor.

Este conceito de organização permite igualmente atuar mais diretamente sobre a fonte, caso a decisão venha da estrutura de topo e direcioná-la consoante novas necessidades, quer seja por decisão da própria fonte que considere existir a necessidade de redirecionar e reuplicar o objeto alvo da pesquisa¹⁸⁶. Dois momentos fornecem-nos uma boa visualização deste funcionamento:

“Bin Laden met with Atta on Several occasions to provide him with instructions, including an initial list of targets.”¹⁸⁷

“Atta even overruled bin Laden’s preference to include the White House as a target by questioning the feasibility of such an attack.”¹⁸⁸

¹⁸⁴ Alex P Schmid. p. 187

¹⁸⁵ Boaz Ganor and Robert E. Gunther, ‘The Network Challenge’, ed. by Pearson Education (Wharton School Publishing, 2009). p. 17

¹⁸⁶ Waltz. p. 164

¹⁸⁷ Moghadam, ‘How Al Qaeda Innovates’. p. 485

¹⁸⁸ *Idem*, p. 485

Podemos assim argumentar que Bin Laden percebeu o valor de ter as informações, ou a fonte de informações perto do decisor político, ele próprio, de forma a obter o máximo de ganhos no planeamento de uso desse recurso, mas compreendeu também que demasiada proximidade poderia ser prejudicial¹⁸⁹. Nesse aspeto encontrou um compromisso consciente ao permitir que Mohamed Atta discordasse com o alvo da Casa Branca, após ter feito mais reconhecimento, e que lhe tenha apresentado alternativas que considerou mais exequíveis, ou seja, Bin Laden aplicou também o conceito de execução descentralizada¹⁹⁰ onde um certo grau de autonomia é concedido à célula ou ao indivíduo. Propomos similarmente, que Bin Laden, ao gerir as informações na al-Qa'ida segundo a metodologia do conceito apresentado, encarou, em momentos específicos, o cargo de Diretor de Informações, uma vez que ele foi o recipiente final - e muitas vezes primário em paralelo – de informações e foi o Decisor Político, pois efetivamente decidiu, planeou e indicou como agir sobre essas mesmas informações, em que teatros e/ou operações as informações seriam úteis ou decisivas, fossem para grupos filiados ou aliados.

Esta mentalidade de que ninguém perde e todos ganham com a partilha de informações¹⁹¹ não é inocente, pelo contrário, é também uma perspicaz ferramenta que a al-Qa'ida usa para de certa forma e com alguma eficácia exercer controlo e veto sobre as atividades das outras organizações¹⁹² e dos seus próprios elementos.

Em termos de estrutura organizacional e profissionalismo, tal como prática das informações, a al-Qa'ida demonstrou flexibilidade e de alguma forma inovação.

5.3 A adaptabilidade

A adaptabilidade da al-Qa'ida pode ser contemplada se distinguirmos duas fases na sua cronologia. Propomos o seguinte: 1ª fase, pré 9/11; 2ª fase, pós 9/11 + invasão do Afeganistão; É possível com este faseamento, identificar determinadas alterações no *modus operandi* da al-Qa'ida. Algumas drásticas, outras nem tanto.

Uma vez estabelecido o fato de que a al-Qa'ida teve as suas origens no Paquistão no final dos anos 80, façamos o salto para os anos em que esta organização transitou entre o

¹⁸⁹ Waltz. p. 166

¹⁹⁰ Dan Madden and others, *Toward Operational Art in Special Warfare*, 2016. p. 5 ; Moghadam, *Top-Down and Bottom-Up Innovation in Terrorism : The Case of the 9/11 Attacks*. p. 28

¹⁹¹ Bunker and Begert. p. 323

¹⁹² Gaetano Joe Ilardi, 'Al Qaeda's Operational Intelligence—A Key Prerequisite to Action', *Studies in Conflict & Terrorism*, 31.12 (2008). p. 1088

Sudão e o Afeganistão, ou seja, a nossa 1ª fase. A estrutura que a al-Qa'ida adotou, é a mostrada na Figura 1, com a diferença de que, nesta fase ainda se comportava como uma estrutura rígida, altamente hierarquizada, com um centro de decisão claro. Todas as células pertencentes à al-Qa'ida ou afiliados, uma vez que se encontravam dependentes da estrutura de decisão organização, desconheciam-se umas das outras, criando pequenos núcleos estanques, conhecidos apenas à estrutura de decisão ou ao Emir, 9/11, com alto grau de eficácia devido a esta relação rígida e forte com a liderança¹⁹³. Uma vez recebidas as diretivas do escalão superior, as células agiam como se fossem as únicas naquele espaço-tempo¹⁹⁴. Para todos os efeitos, e para conhecimento das próprias, tal era verdade. Em exemplo nos campos de treino, em certas alturas, membros de diferentes células ativas cruzaram-se sem saberem.

Estes campos de treino altamente funcionais e especializados deram ainda outra vantagem a Bin Laden. A possibilidade de fornecer combatentes devidamente treinados e doutrinados a outros grupos como forma de reforçar alianças, como para as frentes Taliban, mencionado anteriormente. A estabilidade e segurança oferecida pelo regime Taliban, ajudou a al-Qa'ida a formar um corpo jihadista profissional. Os voluntários, após processo de filtragem e doutrina, não seguiam diretamente para o campo de batalha regional ou internacional após o treino. Primeiro que tudo acompanhavam os veteranos como observadores, posteriormente como auxiliares armados dos veteranos, e finalmente como operacionais independentes¹⁹⁵.

Bin Laden era tolerante, e tinha como principal foco o bem da comunidade islâmica. Enviou combatentes para as frentes da Bósnia e Kosovo¹⁹⁶, treinados pela Guarda Revolucionária do Irão, República Islâmica xiita. Temos também o caso do Hizbollah. Elementos dos atentados em Abril de 2003 em Tel Aviv, efetuados pelo Hizbollah, foram recrutados da rede al-Qa'ida¹⁹⁷, traduzindo-se em sunitas e xiitas a cooperar pelo mesmo objetivo, ainda que, este género de acontecimentos tivesse sido esporádico. Embora este grupo libanês seja composto maioritariamente por xiitas, tal era justificado sob os auspícios

¹⁹³ Brad McAllister, 'Al Qaeda and the Innovative Firm: Demythologizing the Network', *Studies in Conflict & Terrorism*, 27.December 2003 (2004). p. 302

¹⁹⁴ Kimbra L. Fishel, 'Challenging the Hegemon: Al Qaeda's Elevation of Asymmetric Insurgent Warfare Onto the Global Arena', *Low Intensity Conflict & Law Enforcement*, 11.2-3 (2002). p. 291

¹⁹⁵ Jackson and Loidolt. p. 297

¹⁹⁶ David Martin Jones, Michael L. R. Smith, and Mark Weeding, 'Looking for the Pattern: Al Qaeda in Southeast Asia--The Genealogy of a Terror Network', *Studies in Conflict & Terrorism*, 26.6 (2003). p. 448

¹⁹⁷ *Idem*, p. 448

da luta pela *ummah* e pelo Califado, e fornecia uma hipótese de outras colaborações futuras por interesse estratégico ou necessidade¹⁹⁸.

Todos estes fatores permitiram que Bin Laden usasse a al-Qa'ida para solidificar o seu discurso acerca da *jihad*, como ferramenta de resposta à agressão do Ocidente¹⁹⁹, sendo que a organização por si liderada era de fato, a vanguarda em nome de toda a *ummah*²⁰⁰.

A segunda fase que nos propomos expor e analisar, poderá ser consultada em anexo, uma vez que sai do escopo temporal que delimitámos para estudar nesta dissertação, mas que considerámos pertinente e relevante para melhor entender a mutabilidade e adaptabilidade da al-Qa'ida, e entender o quão ameaçadora esta organização foi, e poderá continuar a ser.

¹⁹⁸ *Idem, ibidem*, p. 449

¹⁹⁹ Alia Brahimi, 'Crushed in the Shadows: Why Al Qaeda Will Lose the War of Ideas', *Studies in Conflict & Terrorism*, 33.2 (2010). p. 96

²⁰⁰ Turner. p. 553

6 11 de Setembro de 2001: Considerações

“Some fix the eyes on the face, and some fix the eyes on the feet, and so on. If you fix the eyes on these places your spirit can become confused and your strategy thwarted”

Miyamoto Musashi

Ao longo desta dissertação foram apresentados vários conceitos acerca de toda a envolvimento do 11 de Setembro de 2001. Desde reflexões acerca dos processos na IC, à doutrina e teoria das informações, a tipologias de organização e gestão das informações na al-Qa'ida. Expomos de seguida, algumas considerações, em tentativa de agregar o conteúdo apresentado ao longo desta dissertação.

6.1 Análise macro e micro

O primeiro obstáculo a um olhar macro para os acontecimentos do 9/11, é estarmos perante uma organização terrorista com aspirações globais, mas com ações dispersas locais²⁰¹, com efetivos altamente especializados²⁰². Ou seja, a natureza de ação da al-Qa'ida cria um nevoeiro de guerra denso, quando tentamos fazer uma aproximação teórica acerca dos fatores mais importantes a considerar para aplicar uma estratégia de contraterrorismo. Os próprios serviços de informações sofrem desta questão. Nem sempre é fácil coordenar ou estabelecer prioridades sobre a obtenção de informações estratégicas ou táticas. Tanto mais se, nos encontrarmos numa situação em que muitas vezes os dois estão dissociados, e muitas vezes estão associados.

Algumas das dificuldades encontradas, prendem-se com explorar o que não se consegue contabilizar²⁰³. Assim, pormenores e ligações foram considerados irrelevantes, não sendo então possível colar as evidências que apontavam para uma nova tipologia de terrorismo transnacional²⁰⁴. Este é um assunto particularmente sensível pois os serviços de informações são a primeira linha de defesa contra as novas ameaças quer terroristas ou de

²⁰¹ Romana, Heitor Barras (2005) – “Terrorismo e “Intelligence”: Um Novo Quadro Analítico”. *Janus* - http://www.janusonline.pt/arquivo/2005/2005_4_1_11.html#dados consultado em 7 Junho 2017

²⁰² *Idem*.

²⁰³ Goodman. p. 62

²⁰⁴ Office of Inspector General. p. 41

outros géneros²⁰⁵, pelo que a constante perceção que nada é imutável é uma preocupação permanente. A priorização das necessidades tem de ser flexível e adaptável para que possa fazer face aos novos desafios, e inverter os polos quando necessário, ainda que momentaneamente²⁰⁶. A al-Qa'ida mostrou-se proativa no universo das informações, usando métodos de recolha agressivos para obter respostas que pudessem ter algum tipo de consequências a nível tático ou estratégico²⁰⁷, o que demonstra que Bin Laden não praticou o terror pelo terror, praticou-o com um objetivo definido e claro, numa relação custos-ganhos mais lúcida que inicialmente se acreditava²⁰⁸. Entre a criação oficial da al-Qa'ida em 1989 até 2001, Bin Laden construiu a sua infraestrutura de campos de treino no Afeganistão²⁰⁹, que permitiu criar um grupo²¹⁰ com um alto nível de especialização e profissionalismo²¹¹. No fundo, este corpo base foi constituído a partir de veteranos do conflito soviético. Embora cometendo atentados terroristas, Bin Laden e a al-Qa'ida mantêm-se relativamente discretos durante aquele período de 12 anos, que nada representam em termos de esforço e longevidade, tendo em conta que esta organização tem a plena consciência que a destruição do *Dar-al-Harb* não será fácil nem expedita²¹².

Na esfera da *IC* os analistas debateram-se com um fluxo de pedidos de informações correntes, vulgo de projeção mais imediata e de frequente atualização²¹³, que poderão impedir de dedicar tempo à procura de possíveis tendências dissimuladas, ou atos que pudessem vir a indicar tendências²¹⁴. Fruto disso, é a criação de informações atuais e relevantes para a fita de tempo em questão, mas como foi o caso do 9/11 esta tipologia de informações não teve o alcance e profundidade de conhecimento desejáveis, sendo que, o objetivo estratégico dos ataques precedentes ao 9/11 foi bem escondido. Até os analistas mais experientes podem perder a capacidade de olhar mais além ou captar o significado alternativo de certas ações, se forem constantemente alocados em tarefas que não exigem esse tipo de reflexão e visão, como

²⁰⁵ Jorge Silva Carvalho, ' *Segurança Nacional , Serviços de Informações E as Forças Armadas* ', 2009. p. 11

²⁰⁶ Lowenthal, *Intelligence, From Secrets to Policy*. p. 165

²⁰⁷ Ilardi, 'Al Qaeda's Operational Intelligence—A Key Prerequisite to Action'. p. 1086

²⁰⁸ Andrew, Christopher – "Historical attention span deficit disorder: Why intelligence analysis needs to look back before looking forward", in *New Frontiers of Intelligence*, Rome, 2004. p. 63-79

²⁰⁹ Romain Bartolo, 'Decentralised Leadership in Contemporary Jihadism: Towards a Global Social Movement', *2011*, 2.1 (2011). p. 4

²¹⁰ Romana, Heitor Barras (2005) – "Terrorismo e "Intelligence": Um Novo Quadro Analítico". *Janus* - http://www.janusonline.pt/arquivo/2005/2005_4_1_11.html#dados consultado em 7 Junho 2017

²¹¹ McAllister. p. 304

²¹² Manuel, Paulo Jorge Silva Rebelo, "A luta contra o terrorismo em Portugal (modelo no período 1974-2011)", *ISCSP*, 5 de Outubro de 2015.

²¹³ Carvalho. p. 10

²¹⁴ Office of Inspector General. p. 225

as informações correntes nem sempre o exigem²¹⁵. Enquanto a CIA tentou, providenciar informações estratégicas defensivas ao seu decisor político, que se caracterizam essencialmente pela capacidade em identificar, prevenir e neutralizar ameaças levadas a cabo por agentes com intenções de criar disrupção nos interesses externos do país²¹⁶, a al-Qa'ida através do ataque ao *USS Cole* e dos ataques cometidos na Tanzânia e no Quênia, reunia informações estratégicas ofensivas, que caracterizamos por ações que visam fornecer elementos essenciais à prossecução dos interesses permanentes ou conjunturais da organização²¹⁷.

Em certos momentos da academia constata-se que a comunidade de analistas de informações tinha vindo a perder aquele elemento excêntrico, desviante da norma, capaz de ver o que mais ninguém vê²¹⁸, que veio sendo abafado e substituído por técnicas analíticas estruturadas como a *ACH*, *Team A/Team B* ou *Devil's Advocacy*. Mesmo utilizando estas técnicas que efetivamente permitem aumentar o rigor das análises feitas²¹⁹ cremos que o elemento mais díspar da equipa pode auxiliar em potenciar ao máximo a técnica.

A disputa pela qualidade e pelo tempo das informações será sempre feita numa relação de vantagens e desvantagens. A al-Qa'ida tem uma rede global que atua nas sombras, mas a CIA por sua vez também tem ligações globais para poder perscrutar as sombras. Regra geral, os meios técnicos ao dispor da CIA, aumentam o seu alcance e levam este serviço de informações onde nem sempre os meios humanos conseguem²²⁰. No entanto, a CIA não persuadiu a comunidade internacional, que as células e/ou grupos radicais ligados à al-Qa'ida tinham extensões locais e transnacionais. Os elementos tanto poderiam atuar dentro do país, como serem destacados para o outro lado do mundo, ou apenas para o país fronteiriço. O terrorismo especialmente doutrinado pela al-Qa'ida não reconhece fronteiras, e a única distinção que faz é entre muçulmanos e não muçulmanos²²¹. Muitas nações, anteriormente ao 9/11 não partilhavam desta perceção.

²¹⁵ Lowenthal, *Intelligence, From Secrets to Policy*. p. 167

²¹⁶ Romana, Heitor Barras (2005) – “Terrorismo e “Intelligence”: Um Novo Quadro Analítico”. *Janus* - http://www.janusonline.pt/arquivo/2005/2005_4_1_11.html#dados consultado em 7 Junho 2017

²¹⁷ *Idem*.

²¹⁸ Michael Douglas Smith, ‘A Good Intelligence Analyst’, *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 30.1 (2017). p. 183

²¹⁹ Coulthart. p. 942

²²⁰ Office of Inspector General. p. 410

²²¹ Saud Al-Faisal, ‘International Co-Operation in Fighting the Terrorist Threat’, *The RUSI Journal*, 151.1 (2006). p. 44

Aparte de não ter existido um esforço convicto em aumentar os meios HUMINT na procura do foco da al-Qa'ida e das suas ações²²², esta tarefa foi dificultada pelo próprio Bin Laden. Não só se rodeou de elementos altamente convictos e cegos a qualquer narrativa alternativa, que por si só torna a penetração por HUMINT uma tarefa complicada²²³, estes estavam ligados a Bin Laden através de relações de parentesco ou relações formadas através de laços de irmandade criados em batalha²²⁴. Bin Laden criou uma barreira humana impenetrável, no escalão mais próximo de si. A tentativa de utilização de meios SIGINT em substituição de meios HUMINT²²⁵ já vinha sendo prática comum pela CIA, mas neste contexto em específico, deve-se ao fato de que, oficialmente, pré-9/11, os EUA não tinham presença no Afeganistão.

Os serviços de informações, por melhor equipados que estejam, e por melhor guardadas que estejam as suas fileiras de analistas e pesquisadores, não são omnipresentes.

Outra consideração importante a ter em conta, é que ao expandir e estabelecer a sua rede mundial de células terroristas e alianças, Bin Laden, distanciou-se da vertente materialista das operações de menor envergadura. Os meios e armamentos utilizados ficaram a cargo das células locais, ou dos grupos terroristas locais. Se num local do planeta existe maior facilidade em ter acesso a AK-47, como na Chechénia, então esse deveria ser o armamento prioritário²²⁶. Estas opções táticas no terreno têm repercussões, que Bin Laden entendia profundamente.

Estamos perante uma figura consciente da cultura de informações, que tenta ao máximo evitar ligações débeis entre a sua estrutura de comando e os seus operacionais nos escalões mais baixos. É uma das muitas formas de se isolar das tentativas de obter informações acerca da sua organização terrorista, e mais importante que tudo do seu círculo de decisão.

Ao nível operacional, a cultura de informações da al-Qa'ida foi talvez onde mais vantagens trouxe. Primeiramente Bin Laden desde cedo se apercebeu que para infligir um ataque em solo americano, os seus elementos tinham de ter capacidades cognitivas mais avançadas, terem poucas ou nenhuma ligações a atividades terroristas, e acima de tudo, não

²²² M. Aid Matthew, 'Intelligence and National Security All Glory Is Fleeting: Sigint and the Fight Against International Terrorism', *Intelligence*, 2006. p. 81

²²³ T. Dugdale-Pointon, 'The Role of Intelligence in War', XIV.1 (2007). p. 131

²²⁴ Office of Inspector General. p. 324

²²⁵ Robert D Steele, *Human Intelligence: All Humans, All Minds, All the Time*. p. 1

²²⁶ Campbell. p. 302-303

serem muçulmanos, pelo menos, em aparência e práticas quotidianas públicas²²⁷. O estudo dos maneirismos da vida Ocidental foi conceptualizado com grande seriedade por parte da organização, considerando que essa seria a melhor arma que os jihadistas teriam para se proteger de atenções indesejadas, e, se necessário, para manipular e subverter o sistema Ocidental em favor deles²²⁸, especialmente jogando com as restrições legais características das sociedades democráticas, especificamente liberdades relativas ao respeito por minorias étnicas²²⁹. Os aspetos culturais de uma nação são acessíveis através de meios abertos, é, portanto OSINT fácil de obter, e indica uma aceitação do valor que todas as disciplinas de recolha de informação poderiam oferecer. Ou seja, trata-se de aceitar que o contributo mais valioso, vem do contexto em que se aplicam. Neste caso a vantagem pendeu a favor de quem se adaptou de forma mais célere ao uso das várias disciplinas das informações para seu proveito²³⁰.

Esta vantagem foi aplicada nos campos de treino do Afeganistão, onde alguns elementos passaram por um treino intensivo de ocidentalização, desde comportamento a vestimentas²³¹, reafirmando assim, a necessidade e a seriedade com que a organização queria evitar atrair atenções indesejadas das forças de segurança ou dos serviços de informações. Mais do que ler manuais de treino, o alto escalão responsável pelo 9/11 quis certificar-se que algumas práticas estariam intimamente incutidas nos elementos que faziam parte da operação.

No entanto, a aposta da CIA em SIGINT para compensar as barreiras em HUMINT teve outra importante repercussão na fita de tempo até ao 9/11. Certas comunicações entre operacionais e estrutura de comando da al-Qa'ida foram realizadas através do uso de telemóveis, sem encriptação. No entanto, o uso do meio técnico tinha diretivas. Deveria ser manuseado com linguagem simples e direta²³², através de um simples código em linguagem corrente para não levantar suspeitas²³³, e de modo a que, em caso de suspeita ou quase certeza de que o telefone está a ser monitorizado, pudessem efetivamente praticar *CI*, ao fornecer informações falsas para solicitar uma resposta de ação²³⁴. Ou a entidade que está a

²²⁷ Operational Training Unit and FBI Counterintelligence Division. p. UK/BM-53

²²⁸ Gaetano Joe Ilardi, 'Al-Qaeda's Counterintelligence Doctrine: The Pursuit of Operational Certainty and Control', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 22.2 (2009), 246-74. p. 257

²²⁹ Derksen. p. 261-262

²³⁰ Robert David Steele, *The New Craft of Intelligence: Achieving Asymmetric Advantage in the Face of Nontraditional Threats*, 2002. p. 19

²³¹ Jessee, 'Tactical Means, Strategic Ends: Al Qaeda's Use of Denial and Deception'. p. 371

²³² Ilardi, 'The 9/11 Attacks—A Study of Al Qaeda's Use of Intelligence and Counterintelligence'. p. 180

²³³ Operational Training Unit and FBI Counterintelligence Division. p. UK/BM-54

²³⁴ *Idem*, p. UK/BM-30 a UK/BM-31

monitorizar segue numa direção errada, ou responde com eficácia e a organização terrorista retira lições valiosas dessa resposta, como tempo de reação, táticas e técnicas, entre outros. No entanto, Bin Laden estava tão confiante quanto à forma demasiado frontal com que usavam os telefones e às suas técnicas de codificação de linguagem, que foi o meio técnico utilizado, para dar luz verde aos ataques do 9/11, na própria manhã²³⁵.

A preparação física e mental destes elementos pode até nem ter sido a fase mais importante do 9/11. Antes de todo este treino, existiu a doutrina religiosa. O carisma de Bin Laden ao transmitir a narrativa religiosa que justifica o terrorismo em defesa do Islão, incutiu nos elementos do 11 de Setembro um papel de guerreiros de Allah. Por um lado, significa que todas as ações violentas são ordenadas pela entidade superior mística, cujo mensageiro é Bin Laden, e como tal, essa entidade é a única que pode passar julgamento quanto às suas ações, logo, as opiniões das pessoas na Terra são irrelevantes²³⁶, traduzindo-se num distanciamento implacável das vítimas, que são elas mesmas nada mais que meios para atingir objetivos²³⁷.

Esta dimensão religiosa poderá ter escapado aos olhos dos analistas, potencialmente devido à insensibilidade cultural relativamente aos povos muçulmanos e à importância da religião nas suas vidas.

6.2 A soma das partes

A soma das partes pode traduzir-se na nossa aceitação de determinados fatos relevantes. A al-Qa'ida viveu um intervalo de 12 anos para construir de forma sólida os seus alicerces. As forças *mujahideen* já possuíam experiência de combate derivada do conflito soviético-afegão, e Bin Laden investiu no seu desenvolvimento e, podemos até afirmar, profissionalização. Simultaneamente durante esses mesmos 12 anos estabeleceu alianças, expandiu a sua rede, angariou fundos e simpatizantes. Desenvolveu doutrina e narrativas de forma profunda e convicta.

E talvez aqui se encontre o grande aglomerador utilizado por Bin Laden. Em todo o percurso da al-Qa'ida existe uma substância que une as várias partes envolventes, desde a narrativa, à organização em si e suas ações. O Wahhabismo é a grande força motriz e aglutinadora do corpo jihadista de Bin Laden e explica a sua narrativa do Califado.

²³⁵ Derksen. p. 255

²³⁶ Audrey Kurth Cronin, 'Behind the Curve. Globalization and International Terrorism', *Scientific American*, 272.2 (1995). p. 41

²³⁷ Alex P. Schmid, 'Terrorism as Psychological Warfare', *Democracy and Security*, 1 (2005). p. 139

Muhammad Abd al-Wahhab entendia que o poder político e a religião eram distintos²³⁸, mas esta distinção foi feita no sentido em que a política não tinha razão de existir, uma vez que o soberano deveria reger-se apenas pela Lei de Allah transposta no al-Qur'an²³⁹. Tudo o que não estivesse escrito e descrito nestas Leis ou nas *hadith* constituía *kufr*. A explicação e interpretação parcial radical e adulterada com que Bin Laden vê o Wahhabismo é a razão pela qual os seus seguidores consideram as suas palavras inspiradoras. Bin Laden, como fundamentalista radical com certo grau de erudição, e embora se diga basear nesta vertente do Islão existem disparidades de algumas noções propostas para as de Muhammad Abd al-Wahhab, trata de integrar as suas ideias num contexto sociopolítico fértil para a sua aceitação, com consequentes ações motivadoras para a subjugação do verdadeiro Wahhabismo à sua intenção.

No outro lado do Oceano Atlântico, nesse intervalo de 12 anos a CIA enveredou investigar quem era realmente Bin Laden e a al-Qa'ida, e quais os seus objetivos.

A máquina de informações e contrainformações da al-Qa'ida atinge o apogeu da eficácia ao fim de 12 anos. Chegámos ao 11 de Setembro de 2001, e o mundo nunca mais foi o mesmo.

²³⁸ Silva, Teresa de Almeida e, “Wahhabismo: contribuições para a análise do fundamentalismo Saudita”, Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Relações Internacionais, ISCSP, 2008. p. 162

²³⁹ *Idem*, p. 162

7 Conclusões

A presente dissertação teve como principal missão discutir elementos, que consideramos neste momento, serem importantes de revisitar acerca dos atentados terroristas do 11 de Setembro de 2001.

E considerámos importante revisitar esses elementos, devido à premissa que está subentendida na segunda questão de partida para a investigação: Pode esse modelo (conceito que apresentámos quanto ao papel da al-Qa'ida como figura central numa comunidade de informações no universo do terrorismo islâmico) ser replicado por outros grupos terroristas? Para investigarmos esta questão segundo a metodologia prospetiva, entendemos que seria relevante explorar a al-Qa'ida e o seu envolvimento no 9/11 sob diferentes perspetivas, mantendo sempre o nosso foco na temática das informações. A literatura académica explica-nos o funcionamento em rede, as tipologias de redes que podem ser aplicadas na estrutura da al-Qa'ida, a clarificação da questão religiosa, ao fornecer-nos descrições pormenorizadas das várias vertentes do Islão, e ao inserir-nos na malha complexa que é o terrorismo.

Ainda assim, surgiu a oportunidade de analisar o que esses estudos, poderiam explicar acerca do 9/11, mas de um ponto de vista específico, indo ao foco do líder da organização terrorista, Bin Laden, mas focando também o que argumentamos ter sido um papel preponderante da organização, não só em termos logísticos, financeiros e aglutinadores, mas também como um serviço de informações, ou uma direção de informações.

Não existem dúvidas que a comunidade de informações tinha uma tarefa árdua pela frente. As Técnicas Analíticas Estruturas possivelmente não foram usadas, ou caso tenham sido, talvez não na medida e momento certos²⁴⁰. A al-Qa'ida, discretamente, aprimorou a sua técnica de *D&D*²⁴¹, utilizando uma abordagem mental direcionada ao profissionalismo²⁴².

No entanto, mesmo com a curiosidade incessante dos analistas, a procura do que ainda não foi questionado²⁴³, estava envolto em nevoeiro de guerra.

O profissionalismo que vimos a descobrir estar na posse da al-Qa'ida é indicativo de uma mudança na própria liderança. Defensivamente a al-Qa'ida mostrou perceber o uso das

²⁴⁰ Office of Inspector General. p. 243

²⁴¹ *Idem*, p. 243

²⁴² Devin D. Jesse, 'Tactical Means, Strategic Ends: Al Qaeda's Use of Denial and Deception', *Terrorism and Political Violence*, 18.3 (2006), 367–88. p. 367

²⁴³ Simon. p. 644

técnicas e metodologias que o Ocidente vinha a desenvolver após o 9/11 para a captura de Bin Laden, e até 2011 teve sucesso em adaptar-se e contrariar essas técnicas e metodologias.

No outro campo, os EUA tentam exercer influência social na Arábia Saudita, ou seja, um esforço no sentido de influenciar uma cultura diferente para a aceitação de valores políticos e económicos típicos do Ocidente²⁴⁴. Esta fomentação de instabilidade na região paralela à implementação de valores que distorcem a prática social ancestral tem uma resposta cruda e violenta. Essa resposta tornou-se tão mais eficaz quando organizada por uma pessoa proveniente da família Bin Laden, não só uma das mais importantes e ricas na Arábia Saudita, como possuidora de estreitos laços de amizade com a família real, neste caso, com o próprio monarca, Faisal bin Abdul Aziz Al Saud²⁴⁵. Esta posição de intimidade com a família real proporciona o contínuo desenvolvimento económico da família Bin Laden e a consequente educação superior do próprio Usamah Bin Laden. Tornou-se erudito, e teve ao seu dispor as ferramentas necessárias para prosseguir a sua doutrinação radical. A participação no conflito Soviético-Afegão ajudou neste percurso. Mas muito antes da sua radicalização Bin Laden já tinha contato muito próximo com os costumes ocidentais. De certa forma, podemos fazer um paralelismo relativamente a Sayid Qutb, em quem o contato com o Ocidente teve profunda influência na sua posterior radicalização.

De Ibn Taymiyyah a Abdullah Azzam temos uma narrativa ideológica, que permite a Bin Laden engendrar uma linhagem ancestral de radicalismos existentes no Islão e dessa forma assentar a sua narrativa na história do Islão.

As informações, com todas as dificuldades existentes à sua prática, foram determinantes na capacidade de análise e decisão relativamente aos eventos do 11 Setembro de 2001. O grau de abertura, falando nas questões de centralização e descentralização juntamente com planeamento vindo do interior ou do exterior da organização, que a al-Qa'ida implementava nas suas operações é outro pedaço de conhecimento relevante.

Os atentados terroristas impedidos, são também causa e consequência de uma capacidade de receber informação atempada, e perseguir as ligações fornecidas por essa informação, terminando em análise do conjunto completo que dê origem a informações credíveis e acionáveis. O sistema implementado pela comunidade de informações tem êxitos comprovados, e a forma como foi levantado permitiu que exista com algum grau de

²⁴⁴ Reus-Smit and Snidal. p. 133

²⁴⁵ Roland Jacquard, *Osama Bin Laden: A Estratégia Do Terror*, Livros do (Lisboa, 2001). p. 28

confiança, uma estrutura sólida com capacidades evolutivas. Aqui a academia também tem um papel importante a desempenhar, sendo que talvez o exemplo mais palpável será a Sherman Kent School for Intelligence Analysis, que concretamente e com certo grau de intimidade consegue juntar profissionais e especialistas académicos num espaço físico, para o desenvolvimento de teoria e doutrina das informações.

Como também foi possível observar durante este estudo, chegar à definição de *saber* que inicialmente apresentámos, é deveras uma tarefa que, necessita de ingredientes doutrinários sólidos, mas também necessita da experiência tácita, que de certa forma nos leva numa direção da investigação sem fundamento empírico, a tal intuição. Ainda assim, não nos está garantido que consigamos alcançar a dita *presciência*, pois a temporalidade do conhecimento que possuímos pode estar a nosso favor ou contra nós.

Respondendo à questão de partida que deu origem a esta dissertação: Ao aplicarmos conceitos de gestão de conhecimento, de estrutura organizacional, de teoria e doutrina das informações, esta investigação aponta para o argumento de que, a al-Qa'ida criou um novo modelo de terrorismo, com características profissionais que possibilitaram o planeamento e execução dos ataques terroristas do 11 Setembro 2001.

Com a apresentação das ideias expostas neste estudo, esperamos que exista lugar na academia, para futuramente aprofundar este novo modelo aqui inserido, de forma a que se possa posteriormente investigar a proposição feita pela segunda questão de partida, com o intuito de contribuir para a sistematização dos estudos nas informações e no terrorismo. Foi nossa intenção aqui representar este novo conceito de modelo, como uma pista para futuras investigações, tendo como base a organização terrorista cujos atos no início do Séc. XXI ainda hoje são impactantes no nosso estilo de vida.

A resposta aos paradigmas políticos locais e globais, em toda a história da humanidade, origina e termina em Clausewitz:

“[...] we must consider repaying atrocity with atrocity, violence with violence!”

8 Bibliografia

Livros:

- Allison, Graham T., and Philip Zelikow, *Essence of Decision: Explaining the Cuban Missile Crisis*, Second Edi, Addison Wesley Longman, Inc., 1999.
- Benedict, Ruth, *The Chrysanthemum and the Sword*, Meridian Books, 1946.
- Bispo, Manuel – “A função de informar”, in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004, pp. 77-104.
- Cooper, Jeffery R., ‘Curing Analytic Pathologies: Pathways to Improved Intelligence Analysis’, *Center for the Study of Intelligence*, December 2005.
- Ganor, Boaz, and Robert E. Gunther, ‘The Network Challenge’, ed. by Pearson Education, Wharton School Publishing, 2009.
- Heuer, Richards J, Pherson, and Randolph H, *Structured Analytic Techniques*, 2011.
- Heuer, Richards J, *Psychology of Intelligence Analysis, Intelligence*, 3rd edn, Central Intelligence Agency, 1999.
- Huntington, Samuel P., *Political Order in Changing Societies*, Yale University Press, 1968.
- Lara, António de Sousa, *As Portas de Dante*, ed. by MGI, Lisboa, 2015.
- Lara, António de Sousa, *Ciência Política: Estudo Da Ordem E Da Subversão (6ª Edição)*, ISCSP, Lisboa, 2015.
- Lara, António de Sousa, *Previsão E Mudança: Estudos Políticos E Internacionais*, MGI, Lisboa, 2016.
- Lara, António de Sousa, *Subversão E Guerra Fria*, ISCSP, Lisboa, 2011.
- Lopes, Ernâni Rodrigues – “Informação, Informações & Estratégia Económica e Empresarial” in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio, Lisboa, 2004, pp. 219-232.
- Lowenthal, Mark M., *Intelligence, From Secrets to Policy.*, Seventh Ed, Sage, Los Angeles 2017.
- Marcuse, *The One Dimensional Man, Igarss 2014*, 2014 .
- Moreira, Adriano (coord.), *Informações E Segurança. Estudos Em Honra Do General Pedro Cardoso*, ed. by Prefácio, Lisboa, 2004.
- Moreira, Adriano., *Teoria Das Relações Internacionais*, ed. by Almedina, 5ª Edição, Almedina, Coimbra, 2005.
- Richard J. Aldrich and Christopher Andrew, *Peacekeeping Intelligence*, 2013, LIII.

- Romana, Heitor – “O novo *framework* do terrorismo internacional de matriz Islâmica: Desafios ao modelo de análise em Informações Estratégicas”, in Moreira, Adriano. *Informações e Segurança. Estudos em Honra do General Pedro Cardoso*. Ed. Prefácio. Lisboa, 2004, pp. 257-270.
- Rostow, W.W., *Concept and Controversy*, University of Texas Press, Texas, 2003.
- Schmid, Alex P, *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, 2016.
- Scott, Len V., and Peter D. Jackson, *Understanding Intelligence in the Twenty-First Century, International Security*, 2004 .
- Sinclair, By Robert S, ‘Thinking and Writing: Cognitive Science and Intelligence Analysis’, *Center for the Study of Intelligence (CSI)*, 1984.
- Waltz, Edward, *Knowledge Management*, Artech House, 2003.

Artigos em publicações periódicas:

- Al-Faisal, Saud, ‘International Co-Operation in Fighting the Terrorist Threat’, *The RUSI Journal*, 151 (2006) <<https://doi.org/10.1080/03071840609442001>>.
- Bacon, Tricia, ‘Hurdles to International Terrorist Alliances: Lessons From Al Qaeda’s Experience’, *Terrorism and Political Violence*, 6553 (2015) <<https://doi.org/10.1080/09546553.2014.993466>>.
- Bartolo, Romain, ‘Decentralised Leadership in Contemporary Jihadism: Towards a Global Social Movement’, *2011*, 2 (2011).
- Benedict, Ruth, *The Chrysanthemum and the Sword*, Meridian Books, 1946.
- Brahimi, Alia, ‘Crushed in the Shadows: Why Al Qaeda Will Lose the War of Ideas’, *Studies in Conflict & Terrorism*, 33 (2010) <<https://doi.org/10.1080/10576100903488402>>.
- Braillard, Philippe, Trad., J.J. Pereira Gomes, and A. Silva Dias, *Teoria Das Relações Internacionais*, 1990.
- Bunker, Robert J., and Matt Begert, ‘Operational Combat Analysis of the Al Qaeda Network’, *Low Intensity Conflict & Law Enforcement*, 11 (2002), 316–39 <<https://doi.org/10.1080/0966284042000279063>>.
- Byman, Daniel, ‘Buddies or Burdens? Understanding the Al Qaeda Relationship with Its Affiliate Organizations’, *Security Studies*, 23 (2014) <<https://doi.org/10.1080/09636412.2014.935228>>.
- , ‘Intelligence and National Security: The Intelligence War on Terrorism’, *Intelligence and National Security*, 296 (2014) <<https://doi.org/10.1080/02684527.2013.851876>>.
- C, Roger, and Ross Housewright, *The next Steps in Reshaping Intelligence, Information Technology and Libraries*, 2010.
- Campbell, Lisa J., ‘Applying Order-of-Battle to Al Qaeda Operations’, *Low Intensity Conflict & Law Enforcement*, 11 (2002) <<https://doi.org/10.1080/0966284042000279054>>.

- Carvalho, Jorge Silva, ‘*Segurança Nacional, Serviços de Informações E as Forças Armadas*, 2009.
- Central Intelligence Agency, ‘A Tradecraft Primer: Structured Analytic Techniques for Improving Intelligence Analysis’, *Intelligence*, 2009.
- , ‘Terrorism FAQs’ <<https://www.cia.gov/news-information/cia-the-war-on-terrorism/terrorism-faqs.html>>.
- Chang, Welton, and Philip E. Tetlock, ‘Rethinking the Training of Intelligence Analysts’, *Intelligence and National Security*, 31 (2016) <<https://doi.org/10.1080/02684527.2016.1147164>>.
- Cooper, Jeffery R., ‘Curing Analytic Pathologies: Pathways to Improved Intelligence Analysis’, *Center for the Study of Intelligence*, December (2005), 1–70 <<https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>>.
- Coulthart, Stephen, ‘Why Do Analysts Use Structured Analytic Techniques? An in-Depth Study of an American Intelligence Agency’, *Intelligence and National Security*, 31 (2016) <<https://doi.org/10.1080/02684527.2016.1140327>>.
- Cronin, Audrey Kurth, ‘Behind the Curve. Globalization and International Terrorism’, *Scientific American*, 272 (1995) <<https://doi.org/10.1038/scientificamerican0295-99>>.
- Dahl, Erik J, ‘Warning of Terror: Explaining the Failure of Intelligence Against Terrorism’, *Journal of Strategic Studies*, 28 (2005) <<https://doi.org/10.1080/01402390500032005>>.
- Davies, Philip H.J., ‘Information Warfare and the Future of the Spy’, *Information, Communication & Society*, 2010.
- Derksen, Kevin Michael, ‘Commentary: The Logistics of Actionable Intelligence Leading to 9/11’, *Studies in Conflict & Terrorism*, 28 (2005) <<https://doi.org/10.1080/10576100590928133>>.
- Dugdale-Pointon, T., ‘The Role of Intelligence in War’, XIV (2007).
- Dumaine, Carol, and Luigi Sergio Germani, eds., *New Frontiers of Intelligence Analysis* (Italy, 2004).
- Fishel, Kimbra L., ‘Challenging the Hegemon: Al Qaeda’s Elevation of Asymmetric Insurgent Warfare Onto the Global Arena’, *Low Intensity Conflict & Law Enforcement*, 11 (2002) <<https://doi.org/10.1080/0966284042000279045>>.
- Ganor, Boaz, and Robert E. Gunther, ‘The Network Challenge’, ed. by Pearson Education, Wharton School Publishing, 2009.
- Geltzer, Joshua Alexander, ‘Six Rather Unexplored Assumptions about Al-Qaeda’, *Critical Studies on Terrorism*, 1 (2008) <<https://doi.org/10.1080/17539150802515053>>.
- George, Roger Zane, ‘Beyond Analytic Tradecraft’, *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 23 (2010) <<https://doi.org/10.1080/08850600903566124>>.
- Gerwehr, Scott, and Sara Daly, ‘Al-Qaida: Terrorist Selection and Recruitment’, *The McGraw-Hill Homeland Security Handbook* (..., 2005).
- Gill, Peter, Stephen Marrin, and Mark Phythian, eds., *Intelligence Theory: Key Questions and Debates*, *UNISCI Discussion Papers*, 2009 <<https://doi.org/10.1073/pnas.0703993104>>.
- Goldman, Jan, ed., *Ethics of Scarecrow Professional*, *Intelligence*, Plymouth, United Kingdom: Scarecrow Press, 2010, II.

- Goodman, Melvin A, '9/11: The Failure of Strategic Intelligence', *Intelligence and National Security*, 18 (2003) <<https://doi.org/10.1080/02684520310001688871>>.
- Gunaratna, Rohan, and Anders Nielsen, 'Al Qaeda in the Tribal Areas of Pakistan and Beyond', *Studies in Conflict & Terrorism*, 31 (2008) <<https://doi.org/10.1080/10576100802291568>>.
- Gunaratna, Rohan, and Aviv Oreg, 'Al Qaeda's Organizational Structure and Its Evolution', *Studies in Conflict & Terrorism*, 33 (2010) <<https://doi.org/10.1080/1057610X.2010.523860>>.
- Hall, Wayne Michael, and Gary Citrenbaum, *Intelligence Analysis: How to Think in Complex Environments*.
- Hendrickson, Noel, 'Critical Thinking in Intelligence Analysis', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 21 (2008) <<https://doi.org/10.1080/08850600802254749>>.
- Heuer, Richards J, *Psychology of Intelligence Analysis*, *Intelligence*, 3rd edn (Central Intelligence Agency, 1999).
- Heuer, Richards J, Pherson, and Randolph H, *Structured Analytic Techniques*, 2011.
- Huckabey, Jessica M., and Mark E. Stout, 'Al Qaida's Views of Authoritarian Intelligence Services in the Middle East', *Intelligence and National Security*, 25 (2010), 327–49 <<https://doi.org/10.1080/02684527.2010.489782>>.
- Hulnick, Arthur S., 'What's Wrong with the Intelligence Cycle', *Intelligence and National Security*, 21 (2006) <<https://doi.org/10.1080/02684520601046291>>.
- Huntington, Samuel P., 'Al-Qaeda: A Blueprint for International Terrorism in the Twenty-First Century?', *Defence Studies*, 4 (2004) <<https://doi.org/10.1080/1470243042000325922>>.
- Illardi, Gaetano Joe, 'Al-Qaeda's Counterintelligence Doctrine: The Pursuit of Operational Certainty and Control', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 22 (2009), 246–74 <<https://doi.org/10.1080/08850600802698226>>.
- , 'Al Qaeda's Operational Intelligence—A Key Prerequisite to Action', *Studies in Conflict & Terrorism*, 31 (2008) <<https://doi.org/10.1080/10576100802508086>>.
- , 'The 9/11 Attacks—A Study of Al Qaeda's Use of Intelligence and Counterintelligence', *Studies in Conflict & Terrorism*, 32 (2009) <<https://doi.org/10.1080/10576100802670803>>.
- Jackson, Brian A, and Bryce Loidolt, 'Considering Al-Qa'ida's Innovation Doctrine: From Strategic Texts to "Innovation in Practice"', *Terrorism and Political Violence*, 25 (2013) <<https://doi.org/10.1080/09546553.2012.662557>>.
- Jacquard, Roland, *Osama Bin Laden: A Estratégia Do Terror*, Livros do (Lisboa, 2001).
- Jessee, Devin D., 'Tactical Means, Strategic Ends: Al Qaeda's Use of Denial and Deception', *Terrorism and Political Violence*, 18 (2006) <<https://doi.org/10.1080/09546550600751941>>.
- , 'Tactical Means, Strategic Ends: Al Qaeda's Use of Denial and Deception', *Terrorism and Political Violence*, 18 (2006), 367–88 <<https://doi.org/10.1080/09546550600751941>>.

- Johnson, William R., *Thwarting Enemies at Home and Abroad: How to Be a Counterintelligence Officer*.
- Jones, David Martin, Michael L. R. Smith, and Mark Weeding, 'Looking for the Pattern: Al Qaeda in Southeast Asia--The Genealogy of a Terror Network', *Studies in Conflict & Terrorism*, 26 (2003) <<https://doi.org/10.1080/10576100390248284>>.
- Lee, Beom S., Walter Enders, and Todd Sandler, '9/11: What Did We Know and When Did We Know It?', *Defence and Peace Economics*, 20 (2009) <<https://doi.org/10.1080/10242690701701968>>.
- Lowenthal, Mark M., 'Intelligence Epistemology: Dealing with the Unbelievable', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 607 (1993) <<https://doi.org/10.1080/08850609308435222>>.
- MacPherson, Nelson, *American Intelligence in War-Time London: The Story of the OSS* (Frank Cass, 2003)
- Madden, Dan, Dick Hoffmann, Michael Johnson, Fred T Krawchuk, Bruce R Nardulli, John E Peters, and others, *Toward Operational Art in Special Warfare*, 2016.
- Maliach, Asaf, 'Bin Ladin, Palestine and Al-Qa"ida"s Operational Strategy', *Middle Eastern Studies*, 44 (2008) <<https://doi.org/10.1080/00263200802021426>>
- Marcuse, *The One Dimensional Man, Igarss 2014*, 2014 <<https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7.2>>
- Marrin, Stephen, 'The 9/11 Terrorist Attacks: A Failure of Policy Not Strategic Intelligence Analysis', *Intelligence and National Security*, 26 (2011) <<https://doi.org/10.1080/02684527.2011.559140>>
- Matthew, M. Aid, 'Intelligence and National Security All Glory Is Fleeting : Sigint and the Fight Against International Terrorism', *Intelligence*, 2006
- McAllister, Brad, 'Al Qaeda and the Innovative Firm: Demythologizing the Network', *Studies in Conflict & Terrorism*, 27 (2004) <<https://doi.org/10.1080/10576100490461123>>
- Moghadam, Assaf, 'How Al Qaeda Innovates', *Security Studies*, 22 (2013) <<https://doi.org/10.1080/09636412.2013.816123>>
- , *Top-Down and Bottom-Up Innovation in Terrorism : The Case of the 9/11 Attacks*, 2013
- Moreira, Adriano (coord.), *Informações E Segurança. Estudos Em Honra Do General Pedro Cardoso*, ed. by Prefácio (Lisboa, 2004).
- Nesser, Petter, 'Ideologies of Jihad in Europe', *Terrorism and Political Violence*, 23 (2011) <<https://doi.org/10.1080/09546553.2010.537587>>.
- Odom, William E., 'Intelligence Analysis', *Intelligence and National Security*, 23 (2008) <<https://doi.org/10.1080/02684520802121216>>.
- Office of Inspector General, *Report on CIA Accountability with Respect to the 9/11 Attacks*, 2005.
- Operational Training Unit, and FBI Counterintelligence Division, 'Terrorist Training Manual', 2000.
- Rapoport, David C., 'The Four Waves of Rebel Terror and September 11 — Anthropoetics VIII, No. 1 Spring/ Summer 2002' <<http://anthropoetics.ucla.edu/ap0801/terror/>>.

- Reus-Smit, Christian, and Duncan Snidal, eds., *The Oxford Handbook of International Relations*, 2008 <<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199219322.001.0001>>.
- Rostow, W.W., *Concept and Controversy*, University of Texas Press, 2003.
- Rovner, Joshua, and Austin Long, 'The Perils of Shallow Theory: Intelligence Reform and the 9/11 Commission', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 18 (2005) <<https://doi.org/10.1080/08850600500177119>>.
- Schmid, Alex P, *The Routledge Handbook of Terrorism Research*, 2016.
- Schmid, Alex P., 'Terrorism as Psychological Warfare', *Democracy and Security*, 1 (2005) <<https://doi.org/10.1080/17419160500322467>>.
- Scott, Len V., and Peter D. Jackson, *Understanding Intelligence in the Twenty-First Century*, *International Security*, 2004 <<https://doi.org/10.4324/9780203504420>>.
- Shelton, Christina, 'The Roots of Analytic Failures in the U.S. Intelligence Community', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 24 (2011) <<https://doi.org/10.1080/08850607.2011.598779>>.
- Simon, James M, 'Intelligence Analysis as Practiced by the CIA', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 264 (2013) <<https://doi.org/10.1080/08850607.2013.807186>>.
- Sinclair, By Robert S, 'Thinking and Writing: Cognitive Science and Intelligence Analysis', *Center for the Study of Intelligence (CSI)*, 1984.
- Smith, Michael Douglas, 'A Good Intelligence Analyst', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 30 (2017) <<https://doi.org/10.1080/08850607.2016.1230708>>.
- Steele, Robert D, *Human Intelligence: All Humans, All Minds, All the Time*.
- Steele, Robert David, *The New Craft of Intelligence: Achieving Asymmetric Advantage in the Face of Nontraditional Threats*, 2002.
- Stenersen, Anne, 'Al Qaeda's Foot Soldiers: A Study of the Biographies of Foreign Fighters Killed in Afghanistan and Pakistan Between 2002 and 2006', *Studies in Conflict & Terrorism*, 34 (2011) <<https://doi.org/10.1080/1057610X.2011.545934>>.
- Turner, John, 'From Cottage Industry to International Organisation: The Evolution of Salafi-Jihadism and the Emergence of the Al Qaeda Ideology', *Terrorism and Political Violence*, 22 (2010) <<https://doi.org/10.1080/09546553.2010.485534>>.
- Waltz, Edward, *Knowledge Management*, Artech House, 2003.
- Wirtz, James J, Richards J Heuer, and Randolph H Pherson, 'The Science of Artful Analysis', *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence*, 25 (2012) <<https://doi.org/10.1080/08850607.2012.652869>>.

Teses:

- Manuel, Paulo Rebelo, "A luta contra o terrorismo em Portugal (modelo no período 1974-2011)", Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Ciência Política, ISCSP, 2015

Silva, Teresa de Almeida e, “Wahhabismo: contribuições para a análise do fundamentalismo Saudita”, Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Relações Internacionais, ISCSP, 2008.

Fontes eletrónicas:

‘SIS | Home’ <https://www.sis.gov.uk/> consultado em 13 Fevereiro 2017.

‘The Special Air Service (SAS) Originals | Defense Media Network’
<https://www.defensemedianetwork.com/stories/the-sas-originals-daring-to-win/>
consultado em 6 Março 2017.

CIA, ‘CIA Organization Chart’ <https://www.cia.gov/about-cia/leadership/cia-organization-chart.html> consultado em 2 Fevereiro 2017.

CIA, ‘CIA Vision, Mission, Ethos & Challenges’ <https://www.cia.gov/about-cia/cia-vision-mission-values> consultado em 2 Fevereiro 2017.

CIA, ‘History of the CIA’ <https://www.cia.gov/about-cia/history-of-the-cia> consultado em 2 Fevereiro 2017.

CIA, ‘The Office of Strategic Services: Secret Intelligence Branch — Central Intelligence Agency’
<https://www.cia.gov/news-information/featured-story-archive/oss-secret-intelligence-branch.html> consultado em 2 Fevereiro 2017.

CIA, ‘What Was OSS?’ <https://www.cia.gov/library/publications/intelligence-history/oss/art03.htm> consultado em 2 Fevereiro 2017.

Clarke, Colin P., ‘Al Qaeda in Syria Can Change Its Name, but Not Its Stripes | RAND’
<https://www.rand.org/blog/2017/03/al-qaeda-in-syria-can-change-its-name-but-not-its-stripes.html> consultado em 2 Março 2017.

Ganor, Boaz. 2010. *Defining Terrorism – Is one Man’s Terrorist another Man’s Freedom Fighter?* <https://www.ict.org.il/Article/1123/Defining-Terrorism-Is-One-Mans-Terrorist-Another-Mans-Freedom-Fighter> consultado em 10 Janeiro 2017.

<https://www.intelligence.senate.gov/sites/default/files/laws/nsact1947.pdf> consultado em 7 Fevereiro 2017.

International Committee of the Red Cross, ‘Treaties, States Parties, and Commentaries - Geneva Convention (I) on Wounded and Sick in Armed Forces in the Field, 1949’
<https://ihl-databases.icrc.org/applic/ihl/ihl.nsf/INTRO/365?OpenDocument> consultado em 16 Agosto 2017.

Romana, Heitor Barras (2005) – “Terrorismo e “Intelligence””: Um Novo Quadro Analítico”.
Janus - http://www.janusonline.pt/arquivo/2005/2005_4_1_11.html#dados consultado em 7 Junho 2017.

Outras fontes:

- Al-Saud, Naef Bin Ahmed, ‘Saudi Arabia’s Strategy To Combat Terrorism’, *The RUSI Journal*, 154 (2009) <https://doi.org/10.1080/03071840903532965>.
- Anderson, Sean K, and Stephen Sloan, *Historical Dictionary of Terrorism*, ed. by Jon Woronoff, *Terrorism*, Third Ed., The Scarecrow Press, Inc., 2009.
- Brau, Jean-Louis, *Armas Da Guerrilha*, ed. by Ulisseia, 1974.
- Central Intelligence Agency, ‘A Tradecraft Primer: Structured Analytic Techniques for Improving Intelligence Analysis’, *Intelligence*, 2009.
- Central Intelligence Agency, *President Daily Brief*, 2004.
- Chaliand, Gerard, and Arnaud Blin, *The History of Terrorism: From Antiquity to Al-Qaeda* (University of California Press, 2007) <https://doi.org/10.1080/09546558908427024>.
- Davies, Philip, *MI6 and the Machinery of Spying: Structure and Process in Britain’s Secret Intelligence*, 2013.
- Eji, Eugene, ‘Rethinking Nigeria’s Counter-Terrorism Strategy’, *The International Journal of Intelligence, Security, and Public Affairs*, 18 (2017) <https://doi.org/10.1080/23800992.2016.1242278>.
- Ferris, John Robert, *Intelligence and Strategy: Selected Essays*, *World*, 2005 <https://doi.org/10.4324/9780203963913>.
- Ganor, Boaz, ‘Defining Terrorism - Is One Man’s Terrorist Another Man’s Freedom Fighter?’, 2010 <<https://www.ict.org.il/Article/1123/Defining-Terrorism-Is-One-Mans-Terrorist-Another-Mans-Freedom-Fighter>> [accessed 9 May 2017].
- Gill, Peter, Stephen Marrin, and Mark Phythian, eds., *Intelligence Theory: Key Questions and Debates*, *UNISCI Discussion Papers*, 2009 <<https://doi.org/10.1073/pnas.0703993104>>
- Gray, Colin, *The Implications of Preemptive and Preventive War Doctrines: A Reconsideration*, *Strategic Studies Institute*, 2007.
- Hoffman, Bruce, *A Counterterrorism Strategy for the Obama Administration*, *Terrorism and Political Violence*, 2009, XXI <https://doi.org/10.1080/09546550902950316>.

- Johnson, William R., *Thwarting Enemies at Home and Abroad: How to Be a Counterintelligence Officer*.
- MacPherson, Nelson, *American Intelligence in War-Time London: The Story of the OSS* (Frank Cass, 2003).
- Pinto, Maria do Céu, ‘An Evaluation of the Jihadist Threat in Portugal’, *Journal of Policing, Intelligence and Counter Terrorism*, 7 (2012) <https://doi.org/10.1080/18335330.2012.719094>.
- Regens, James L., Nick Mould, Christopher M. Sartorius, and Jonathan O’Dell, ‘Effect of Foreign Military Intervention and Controlled Territory on the Operational Tempo of Al-Shabaab Attacks’, *Dynamics of Asymmetric Conflict*, 9 (2016) <https://doi.org/10.1080/17467586.2016.1267867>.
- Senate and House of Representatives of the United States of America, *National Security Act of 1947*.
- West, Nigel, *Historical Dictionary of International Intelligence and Counterintelligence, Intelligence* (Oxford, United Kingdom: Scarecrow Press, 2006).
- ‘Combating Terrorism Center at West Point’ <https://ctc.usma.edu/> consultado em 28 Junho 2017.
- Gunaratna, Rohan Kumar, ‘Al-Qaeda: Changing Shape Again? | RUSI’, 2007 <https://rusi.org/publication/al-qaeda-changing-shape-again> consultado em 28 Junho 2017.
- Katzman, Kenneth, ‘Al-Qaeda Threat Retains Its Potency under Pressure | RUSI’ <https://rusi.org/publication/al-qaeda-threat-retains-its-potency-under-pressure> consultado em 5 Junho 2017.
- Office of the Director of National Intelligence, ‘Bin Laden’s Bookshelf’ <https://www.dni.gov/index.php/features/bin-laden-s-bookshelf> consultado em 31 Janeiro 2017.
- Panetta, Leon E., and CIA, ‘Message from the Director: Justice Done’, 2011 <https://www.cia.gov/news-information/press-releases-statements/press-release-2011/justice-done.html> consultado em 12 Julho 2017.
- Stanford University, ‘Global Al Qaeda | Mapping Militant Organizations’ <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/maps/view/alqaeda> consultado em 15 Março 2017.

9 Glossário

9/11 – Expressão relativa aos ataques às Torres Gémeas em 11 de Setembro de 2001

Ad Hoc – Para o propósito momentâneo

Dar al-Harb – Mundo da guerra; mundo não muçulmano

Ethos – Valores; Costumes; Práticas

Hadith - Tradições

Handler – gestor; intermediário

Hard Power – Uso de meios cinéticos

Ijtihad – Esforço

Ikhwan al Muslimin – Irmandade Muçulmana

Intelligence – Informações

Jahiliya – Estado de ignorância, neste contexto ignorância primitiva relativamente à religião, no sentido ateísta.

Jihad – Conflito interior na sua origem, ou superação de um conflito contra; para os extremistas é tida como Guerra Santa.

Kufr - Descrença

Modus operandi – Metodologia de ação

Mujahideen – Guerreiro sagrado

Shah – Título nobiliárquico na Pérsia

Sharia – Lei Islâmica

Soft Power – Uso de meios diplomáticos e políticas externas

Stricto sensu – Literalmente

Ulema – Conselho ou grupo de indivíduos escolásticos das várias áreas do conhecimento.

Ummah – Comunidade Islâmica

10 Anexos

Anexo A – Linhagem das origens ideológicas da al-Qa'ida

Anexo B – A adaptabilidade – continuação

Anexo C – Acerca da guerrilha